

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

Capoeira Angola, Cultura Negra, Educação e Infâncias

Susana Targino dos Santos Moreira

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

CAPOEIRA ANGOLA, CULTURA NEGRA, EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS

SUSANA TARGINO DOS SANTOS MOREIRA

Sob a Orientação do Professor
Renato Nogueira dos Santos Junior

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica, RJ
Agosto de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M835c Moreira, Susana Targino dos Santos, 1986-
 Capoeira Angola, Cultura Negra, Educação e Infâncias
 / Susana Targino dos Santos Moreira. - 2018.
 88 f.

 Orientador: Renato Nogueira dos Santos Junior.
 Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
 Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
 Populares, 2018.

 1. Infâncias. 2. Cultura Negra. 3. Capoeira Angola.
 4. Educação. I. Junior, Renato Nogueira dos Santos,
 1974-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
 de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,
 Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
 Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES**

SUSANA TARGINO DOS SANTOS MOREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/08/2018.

Prof. Dr. Renato Nogueira dos Santos Junior
UFRRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira
UFRRJ

Prof. Dr. Gustavo Arantes Camargo
UFF

AGRADECIMENTOS:

Meu mais profundo agradecimento, primeiramente a todos os meus ancestrais, aos meus pais: Carlos Sobrinho Moreira, Maria Targino dos Santos, ao Alojamento Feminino da Rural, F4-209 e ao Grupo de Capoeira Angolinha.

“Já testemunhamos o efeito revolucionário da afrocentricidade em cada aspecto da experiência diária do povo africano. As artes, educação, arquitetura, psicologia, ciência, tecnologia da informação, simbolismo e religião são apenas algumas das áreas onde a consciência Afrocêntrica se introduziu em nossos espaços como forma de recuperação. Descoberta, neste caso, leva diretamente à recuperação. Vimos apenas o começo; a glória plena ainda está por vir.” Molefe Kete Asante

RESUMO

MOREIRA, Susana Targino dos Santos. **Capoeira Angola, Cultura Negra, Educação e Infâncias**. 2018. 88p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2018.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o impacto na educação e vida cotidiana de crianças pertencentes a grupos de capoeira angola. Como uma das manifestações culturais para ser estudada nas escolas, ressaltando a valorização da cultura afro brasileira e sua contribuição corporal. Dialogando com a lei 10.639/03 viabilizando que crianças negras brasileiras se afrocentrem.¹

Buscamos como prática de ensino a capoeira angola e suas características corporais em um primeiro contato em busca da valorização e do reconhecimento de sua identidade, positivando-a. Assim contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária, na luta diária contra o racismo. Cabe lembrarmos o grande impacto da cultura eurocêntrica e suas deformações quando inseridas em culturas de matrizes africanas e afro brasileiras. O qual favorece a difusão de modelos de práticas corporais que perseguem determinados estereótipos, gerando certas necessidades para crianças e jovens negros.

Tal impacto não só tem sido suficientemente analisado na constituição dos indivíduos, como também têm determinado, em grande medida, a intervenção pedagógica dos profissionais da área e as reivindicações da população negra. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para problematizar as diferentes concepções de práticas corporais, cultura, esporte e lazer na modernidade e suas diferentes expressões em relação as diversas culturas, bem como para indicar as suas possibilidades como componente educacional, formativo, presentes nestes projetos com a capoeira. Levantando algumas experiências de crianças que cresceram no terreno da capoeira, aonde seu brincar são os espaços da capoeira angola. Incluindo também como grande questão a branquitude, como responsável por anos de violência civilizatória, ao comprometimento real dentro das culturas de origem negras.

Palavras Chaves: Capoeira Angola, Educação, Cultura Negra e Branquitude

¹ Afrocentricidade referente ao termo usado pelo autor Molefe Ketí Asante.

ABSTRACT

MOREIRA, Susana Targino dos Santos. **Capoeira Angola, Black Culture, Education and Children**. 2018. 88p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, RJ, 2018.

This search aims to investigate the impact on education and the daily lives of children as a group of capoeira angola. As one of the cultural manifestations to be studied in schools, highlighting the appreciation of Afro Brazilian culture and its body contribution. Connected with the law 10.639 / 03 making possible the black Brazilian children afrocentricity.¹

We seek as teaching practice the capoeira angola and its corporate characteristics in a first contact in search of the valorization and recognition of its identity adding it. Thus contributing to a more just and egalitarian society, in the daily struggle against racism. It is worth remembering the great impact of Eurocentric culture and its deformations when inserted in cultures of African and Afro Brazilian matrices. It favors the diffusion of models of corporal practices that pursue certain stereotypes, generating certain needs for black children and young people. Such an impact has not only been sufficiently analyzed in the constitution of the individuals, but they have also determined the pedagogical intervention of the professionals of the area and the claim of the black population

The results of the research can be useful to problematize the different conceptions of corporate practices, culture, sport and leisure in modernity and its forms of expression in diverse cultures, as well as to indicate its characteristics as an educational trainer, component present in these projects with the capoeira. Searching some experiences of children who grew up between capoeira, where their play are the spaces of capoeira angola. Including whiteness as responsible for years of civilizational violence, real commitment within black cultures of origin

Key Words: Capoeira Angola, Education, Black Culture and Branquitude.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I | 17 |
| CAPOEIRA ANGOLA E EDUCAÇÃO | 17 |
| 1.1 O QUE A CAPOEIRA TEM PARA ENSINAR CAMARÁ? | 17 |
| 1.2 ANGOLA, REGIONAL E O RACISMO | 24 |
| 1.3 CAPOEIRA ANGOLA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS | 35 |
| CAPÍTULO II..... | 44 |
| AFROCENTRICIDADE BRANQUITUDE E CAPOEIRA ANGOLA | 44 |
| 2.1 AFROCENTRICIDADE E CAPOEIRA ANGOLA | 44 |
| 2.2 APROPRIAÇÃO CULTURAL E CAPOEIRA ANGOLA | 63 |
| CAPÍTULO III | 72 |
| INFÂNCIA, RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS E CAPOEIRA ANGOLA..... | 72 |
| 3.1 CAPOEIRA ANGOLA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA CRIANÇAS..... | 72 |
| 3.2 CRIANÇAS FALANDO DE CAPOEIRA E RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS..... | 78 |
| 3.3 VOU ME EMBORA, VOU ME EMBORA, VOU ME EMBORA PRA ANGOLA: . | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 83 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 85 |

INTRODUÇÃO

Quando iniciei os estudos na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na área da Educação Física, não visava no primeiro momento área da educação em si, como trabalhar em escolas por exemplo. Depois de um tempo, bem pouco tempo dentro da universidade, percebi que a área que trabalha o corpo era focada em um padrão. Visando a saúde de uma forma mais atlética. E isso me não era exatamente o que eu buscava, pois, a maioria da nossa população não é padrão de atleta e ser saudável não necessariamente é preciso cumprir esse estereótipo, e quando cito padrão, falo do homem branco.

Porém existia uma outra área da educação física, a pedagógica, social focada na licenciatura. Comecei a participar do centro acadêmico, onde as políticas sobre a nossa profissão eram discutidas pelos estudantes. A partir de encontros nacionais, e regionais vi uma outra educação física: a escolar que nos fazia ter um pensamento crítico em relação a sociedade que nos forma. No segundo semestre da faculdade conheci alguns grupos de capoeira e dentro da universidade, existia entre eles regional e angola. Uma amiga de turma que já fazia capoeira regional² a um tempo, e me apresentou a capoeira. No departamento de Educação Física existia um projeto de escolinhas, onde existiam várias modalidades de esportes, e capoeira era uma delas. A partir do contato com a capoeira, comecei a ver o corpo de uma outra maneira, com uma outra finalidade, não apenas aquela da academia de ginástica, atrizes das novelas, corpo ideal, etc. Via o corpo como expressão de cultura, e rapidamente mudei de pensamento em relação à Educação Física e o corpo.

Ao frequentar as aulas na escolinha fiz muitas amizades, inclusive com as pessoas da comunidade de Seropédica, que iam aos nossos treinos. Foram três anos de convivência, que finalizaram com o término do projeto. Ao terminar o projeto, eu não queria deixar de praticar capoeira, e antes do término, eu comecei a fazer alguns treinos no GCANG³, onde via muita diferença nos exercícios realizados. Depois de um tempo, resolvi participar de um encontro desse grupo, onde eram realizadas várias atividades culturais durante quatro dias. Em uma dessas atividades houve uma cultural⁴ que ocorreu um samba de roda e a partir do samba de roda, eu resolvi entrar para a capoeira de angola. Durante todo o evento vários treinos e rodas onde meu corpo ficava esgotado dores musculares eram e são frequentes, porém, sempre havia mais treino e mesmo com dor eu conseguia realizar os exercícios. Nessa percepção

² Modalidade criada por Mestre Bimba.

³ Grupo de Capoeira Angolinha, projeto da pró reitoria de extensão dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro a exatos vinte anos.

⁴ Festas realizadas pelos grupos organizados.

outra de ver o corpo a atividade física com fundamentos, era assim que via a capoeira e vejo até hoje. Um sentindo a mais para se movimentar. Uma das atividades físicas diferenciadas para mim, que não era realizada com o intuito de competição, ou ficar com o corpo atlético, isso seria uma consequência e não um foco.

No início a questão racial não era vista como importante em nenhum dos grupos o qual fiz parte. Ou pelo menos não era o centro das atividades realizadas por certos grupos. O que hoje eu acredito seja indispensável falar sobre o assunto nas práticas de matrizes afro brasileiras e africanas. Fiz capoeira regional durante três anos, e lembro nitidamente que na minha segunda corda em um batizado, quem foi minha madrinha era uma mulher negra, a mais graduada do grupo, eu a escolhi pois era a única o qual eu me sentia semelhante, lembro-me desse momento hoje com muita emoção, pois na época eu não tinha toda a consciência racial que tenho nos dias atuais. Meu primeiro grupo de capoeira se chamava Navio Negroiro, e a sua sede era no Espírito Santo.

Em minha vivência como praticante da capoeira a dez anos, vejo muitas mudanças em seus aspectos corporais. E uma das mudanças o qual começou a me incomodar sendo eu através da capoeira angola, ter um reconhecimento no mundo de me afirmar positivamente enquanto negra, foi a constante entrada de corpos brancos nesta arte. Durante a o curso de Educação Física lembro-me que na avaliação de dança I, coloquei o samba de roda, como um elemento a ser estudado na disciplina e assim fui explicando sua dinâmica, suas vestimentas e todo o seu ritual, de alguma maneira tentando incluir a história da cultura afro brasileira em minha graduação.

Com o passar dos anos fui me envolvendo mais com o meu grupo de capoeira o Grupo de Capoeira Angolinha, percebendo que além da capoeira angola, tínhamos algo a mais em comum, construímos laços afetivos como o de uma família, na verdade frequento mais os espaços de capoeira do que minha própria casa, e praticar capoeira angola digo como minha experiência, é algo que dificilmente conseguimos nos afastar e mesmo quando isso ocorre, os laços afetivos permanecem. Esses laços vão se estendendo a partir do momento que a convivência com outros grupos vão se torando rotina, seja em rodas, eventos, sambas e afins.

Além dos eventos realizados dentro da Rural⁵, o qual pude ter acesso a outras variantes de capoeira angola, viajei para alguns estados do Brasil para conhecer novos grupos de capoeira angola, e assim ter novas práticas corporais, pois a corporeidade é diferente em cada grupo, cada mestre tem sua pedagogia, sua capoeira e, seus discípulos adquirem suas

⁵ Como chamarei a universidade neste trabalho.

características corporais. Advinda dos mestres antigos. Conhecendo alguns estrangeiros também, que se dedicavam para a capoeira angola, mas reparando na diferença de se expressarem. Reparei mais pessoas brancas nesses espaços do que negra, e isso se tornou uma questão para mim.

Durante o curso de Educação Física, a minha tentativa era de sempre que possível introduzir a capoeira em meus trabalhos, visto que na grade das disciplinas, atento para a forma como nossa educação é formada citando Mosé “ A escola é um desserviço no modo como ela é organizada” (Sobre educação vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=r52E7w4GZGk> , 2015)

Ressaltando a semelhança de uma escola e de uma fábrica sendo ela segmentada, seriada. E também havendo a semelhança com o regime militar, a exemplos sinais sonoros, escola como prisão: grade curricular, e provas. “A necessidade de construir essa escola dessa maneira ela diz respeito especificamente a uma outra necessidade ou desejo dessa sociedade que era produzir passividade, disciplina, ausência de questionamento e crítica, repetição e não criação de conteúdo.” (Mosé,2013)

Mesmo com uma lei de implementação das culturas afro brasileira e africanas a 10.639/03 era inexistente este tipo de conhecimento na universidade, assim como em toda a minha formação escolar. Visto que hoje em algumas instituições já se pode encontrar algumas disciplinas, o que é uma vitória. Em nossa formação as atividades e esportes são de origem eurocêntrica, estadunidense, ou Asiática, aprendemos tênis, judô, vôlei, futebol, e o que me incomodava era o fato de como a capoeira sendo patrimônio histórico nacional, não tinha um espaço dentro da academia?

Com o crescimento e o reconhecimento da capoeira o sistema capitalista, para aceitá-la, transformou sua arte em esporte, na década de 1930 com a aprovação do presidente Getúlio Vargas, transformando-a em esporte nacional. Percebendo isso, os estudos questionam três elementos constitutivos dessa manifestação, quais sejam, o processo de “branqueamento”, a desportivização⁶ e a diversidade étnica. No entanto a capoeira, não deixou de existir como prática de resistência nos espaços institucionais, redefinindo-se nos aspectos sócio-cultural e político.

No que se refere à cultura corporal e as práticas corporais, há diferentes questões que se colocam em pesquisas nesta condição histórica e sócio-econômica. Questões de diferentes ordens correspondem, em grande parte, às diferentes expectativas, imagens e técnicas, formas de expressão e

⁶ A prática da capoeira não apenas como esporte.

sensibilidade no mundo contemporâneo. Dentre estas, algumas são decorrentes dos esportes convencionais como fenômeno de grande magnitude na cultura de massa, especialmente por sua natureza vinculada à competitividade, ao rendimento e a performance, assim como ao crescente processo de esportivização de práticas corporais tradicionais, o que as faz perderem seu teor original de enraizamento e alterar sua constituição como patrimônio cultural da humanidade (BRACHT, 1999; SILVA; DAMIANI, 2005).

Ao querer tornar a capoeira angola aceitável, sendo ela de característica marginal,⁷ ou seja, como sendo de caráter fora dos padrões normativos, excluído, e negativado, Segundo Theodoro, “A literatura atua em nossas vidas para unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário ou de sua ideologia. Na literatura brasileira, no entanto, o negro é a palavra excluída, ocultada com frequência, ou uma representação inventada pelo outro, sendo sempre o elemento marginal. ” (2005, p.86)

Logo, precisaremos embranquecer a cultura afro-brasileira, para que a mesma seja aceita em nossa sociedade. Seria possível uma criança negra praticante de capoeira angola, poder ser reconhecida e representada onde, em sua maioria habita corpos brancos, reproduzindo gestos de corpos negros? A representatividade do corpo dentro das manifestações de matrizes africanas é importante? Nas universidades, a capoeira angola, assim como outras manifestações afro-brasileiras e africanas, vai enegrecer a academia, ou academia vai embranquecer essas culturas? Com esses questionamentos, e esse incômodo é que visto a capoeira de angola como uma das possibilidades de reconhecimento dos corpos negros com a sua corporeidade. Mas será que na atualidade, todas as crianças, sejam elas negra e não negras, reconhecem os corpos negros e a origem de uma cultura e civilização outra?

Como pertencente de um grupo majoritariamente branco onde sou levada a questionar seus corpos em meio a cultura outra, busco levantar questões que não são vistas como necessárias, pois se enfatiza movimentações e mais uma vez levando uma cultura negra, com valores brancos exemplificando o auto rendimento em rodas e eventos, onde treinar o corpo é mais importante do que fundamentar, por que este corpo necessita de tais movimentos?

A capoeira me levou a querer estudar e a mudar o rumo de minhas escolhas e desejos, e é com esse movimento de luta contra o racismo que pretendo levar as crianças e jovens negros a descoberta de uma outra cultura, a nossa, que foi tirada e que nos fizeram acreditar que qualquer manifestação negra, era algo e até os dias atuais, ruim e assim colocando sempre

⁷ Aquilo que está à margem da sociedade

a religião católica, fruto da cultura eurocêntrica como fundamento para tais argumentos sendo ela vista uma cultura não aceita por Deus, e com isso a inferiorizando e a modificando.

“A imposição de uma só matriz religiosa constitui-se em violência simbólica contra os grupos subordinados, que não têm poder para colocar seus conteúdos e significados culturais nos currículos de ensino das nossas escolas.” (SILVA, 2005, p.29)

Como então mostras através da educação, novas formas de ver o mundo? Como a cultura é capaz de desenvolver significados a existência humana? A capoeira na minha vida, fez com que eu entendesse muitas construções de mim mesma, e muitas desconstruções também, pois descolonizar-se é algo fundamental para abrir a mente em busca de novas perspectivas e valores de entendimento social, logo racial. Percebi meu corpo, minha facilidade e conexões com as danças, meus fenótipos, minha corporeidade em si, e o interesse por pesquisar sobre as religiões de matriz africana, e que na capoeira uma coisa está associada a outra, em vários momentos da roda de angola, o qual no início eu não entendia muito bem, o que estava acontecendo, como exemplo via um mestre de mais de sessenta anos, jogar por horas com vários alunos durante uma roda. Ou seja, o corpo falou primeiro, a sabedoria corporal me chamou pra angola.

Em leituras e vivências no mundo da capoeira fui percebendo as diferenças que há entre suas modalidades, no que diz respeito a regional, vi e vivi momentos de grande alegria e conseqüentemente os laços de amizade que ali se formaram. Como dito anteriormente o nome do meu primeiro grupo de capoeira se chamava Navio Negroiro, onde a sede era no Espírito Santo e, dentro da Rural, haviam alunos que praticantes da capoeira iniciaram o projeto. Com a Regional, fui conhecendo como em qualquer aspecto da vida, o lado bom e ruim.

Depois de um tempo, a regional me mostrou o grau de competitividade, e a busca por graduações, que mesmo alunos com pouca experiência, pagavam as graduações de nível muito alto para o seu pouco tempo dentro da capoeira, não que na capoeira angola inexista a competitividade, pois esta competitividade em angola, se diferencia em prática embranquecida assim como a regional, mas o fundamento da angola tenta nos ensinar a evitar nosso ego em relação a competição.

Mas em prática muitos se perdem por não saberem conduzir este sentimento. Assim como todos nós fomos ensinados a competir, a capoeira também sofreu esse processo. Um dos ensinamentos brancos onde perder e ganhar é de suma importância. Na angola, não se tem o intuito de ser melhor que seu companheiro de roda, e sim uma conversa entre corpos. Porém ela também é uma luta. E o mundo capitalista para desqualificar, ou melhor caracterizá-la de forma outra, torna-a competitiva onde duas pessoas em eventos patrocinados escolhem o

melhor capoeirista do mundo. Mais adiante falaremos dessas diferenças hierárquicas dentro do mundo da capoeira.

Meu grande questionamento, em relação a corpos brancos na cultura corporal da capoeira angola, iniciou em um evento na Bahia. Sim, na Bahia, onde me incomodou a ausência de corpos negros em um evento onde se encontravam muitos estrangeiros, e universitário, classe média.

Neste evento, inicia-se meus questionamentos, quando o preço do evento não corresponde ao acesso de pessoas de baixa renda. Sendo ele realizado em uma comunidade. Durante este evento, a parte que mais me incomodou, foi um momento em que uma roda foi composta apenas de mulheres. Mas não é ótimo saber que o mundo machista da capoeira, está numa fase em que mulheres estão tendo acesso ao mundo da capoeira, e podendo ser protagonistas? Sim, grande conquista, porém eram todas mulheres brancas. Não me senti representada neste momento. Me senti agoniada, mais uma vez a branquitude se apropria do que não a pertence, sendo assim protagonizada por corpos brancos.

Naquele momento, me perguntei. Aonde se encontra a representatividade negra? Da mesma forma que eu mulher, negra, de baixa renda, da baixada, porém com nível superior me senti desconfortável na presença de corpos brancos representando a cultura afro brasileira, crianças que iniciam suas vidas em meio a imposição da cultura branca, eurocêntrica/estadunidenses se reconheceriam como negros nos espaços de capoeira angola? Conseguiriam de alguma forma positivar sua cor?

O meu processo de reconhecimento de origem negra, se deu por meio da convivência e vivência com a capoeira angola, e suas ramificações como o samba de roda por exemplo, e isso eu já era adulta, e me considerava parda. Na capoeira um negro se torna mais negro, algo que um branco não se tornará mais branco por praticar capoeira. Mas, será que para a capoeira angola se tornar mais aceita é preciso torna-la uma capoeira branca? Visando claro, o capital cultural para melhor ser vendida? Utilizo a palavra negra neste auto reconhecimento por esta palavra em termos literários e em questões subjetivas, sempre foi significado de algo negativo, algo que ninguém gostaria de ser chamado. Ser negro (a) foi durante muito tempo sinônimo depreciativo. Dizer hoje que sou negra, e ter felicidade em dizer esta palavra é recriar seu sentindo, é dizer sim, ser negra, é ser linda.

De acordo com Alves o termo “negro”, aqui, não designa a cor epidérmica de alguém. Trata-se, de um termo tido como pejorativo num contexto cultural para diminuir e inferiorizar. Portanto, a “literatura negra”, diante desse contexto, tem a intenção de ressignificá-lo. ” (2002 p.2) neste contexto tudo que se refere a cultura negra deve-se de fato ter outro significado. O

motivo pelo qual a vergonha que foi instaurada na psique no povo negro, é vista como um fator primordial para ser discutido. E esse fator não é à toa. Somos um povo que ainda se encontra em níveis sociais de extrema desigualdade em relação a outras raças. Somos um povo que a taxa de homicídios cresce a cada ano.⁸

Esses dados intensificam o racismo no nosso país, ser negro aqui é sinônimo de alerta, por isso a responsabilidade de todos inclusive a da população branca. O racismo mata preto e preta todos os dias, são excluídos do prazer de viver, e conhecer suas culturas. Ao participar de manifestações da cultura negra, você branco (a) não faz mais que a obrigação de entender, de lutar contra todas as opressões que nós passamos a vida toda. Pois ser protagonista em cultura negra sendo branco, você tem mais uma vez o privilégio a seu favor.

Sou participante de um grupo de capoeira angola, que conheci dentro de uma instituição de ensino superior onde sua grande maioria é branca classe média, porém meu mestre é negro, nascido e criado no município de Caxias, na baixada fluminense no estado do Rio de Janeiro. Quais caminhos realizar na educação brasileira para que a identidade negra seja valorizada e reconhecida como parte fundamental da construção histórico social do Brasil? E como a universidade branca, classista reconhece a cultura popular em suas dependências, sendo a capoeira é tudo que a universidade abominava em seu conceito embranquecido, e dito de valor. E minha responsabilidade enquanto mulher negra ativa nas manifestações de cultura afro brasileira e africana, é de conscientizar o mínimo possível os brancos e principalmente os negros e negras ao meu redor. Como professora meu papel é fazer pensar, e a partir do pensamento é que possamos agir de forma a mudar e a construir um novo país aonde todos e todas serão contempladas por uma vida justa e menos violenta.

⁸ Entre 2006 e 2016, último ano com dados disponíveis para o levantamento, a taxa de homicídios de indivíduos não negros diminuiu 6,8%. No mesmo período, a taxa entre a população negra saltou 23,1% e foi a maior registrada desde 20... - Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/>.

CAPÍTULO I

CAPOEIRA ANGOLA E EDUCAÇÃO

1.1 O QUE A CAPOEIRA TEM PARA ENSINAR CAMARÁ?

Iê,⁹
 Se vencer uma batalha
 Se vencer uma batalha ô iaiá
 É matar o perdedor
 Na guerra que eu vivo em vida
 Não me vejo ganhador
 Pois sem matar nem ferir
 Ai meu Deus eu me sinto um vencedor
 A luz da experiência, a luz da experiência ô iaiá
 O caminhar nas estradas
 O cruzar encruzilhadas
 Me ensinou a jogar
 Jogar o jogo da vida
 A vida tem seu jogar
 O jogar pela vitória
 Entristece o jogador
 Quando pensa que venceu, colega velho
 Vê que é o perdedor camará.
 (Mestre Moraes)

Tendo a capoeira como luta pela liberdade, ela também é uma luta antirracista. Seu poder educativo de origem negra nos faz praticar uma arte muito além de corpos em movimentos, e sim movimentos de corpos por defesa da violência racista, fuga, sobrevivência e resistência. O nome capoeira vem de mato baixo, porém há inúmeras pesquisas sobre o real significado da palavra capoeira, pois um dos fatores de grande dificuldade da origem da palavra também se faz por falta de documentação.

O vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau, seguido por Moraes em 1813, na segunda e última edição que deu em vida de sua obra. Após isso, entrou no terreno da polêmica e da investigação etimológica. A primeira proposição que se tem notícia é a de José de Alencar em 1865 na primeira edição de Iracema(...) Propôs Alencar para o vocábulo capoeira o tupi caa-apuana-era traduzido por ilha de mato já cortado. (REGO, 1968, p.17)

⁹ Ladainha, canto que inicia uma roda de capoeira.

Quando venho falar da capoeira angola, não posso esquecer que se tratando de capoeira, há algumas modalidades e ensinamentos da mesma. É preciso relatar aqui, a histórias das estruturas dos diferentes tipos de se jogar a capoeira. Lembrando que em rodas na rua, há capoeiristas e não apenas angoleiros.¹⁰ Adiante mencionarei algumas características que diferem angola e regional. Que são as principais modalidades da capoeira. Visto que essas definições foram trazidas pelo sistema capitalista, para que a capoeira, luta dos oprimidos, fosse então aceita de alguma maneira pelo sistema eurocêntrico.

A sociabilidade e a corporeidade do ser negro dentro dos grupos de capoeira, como forma de uma educação outra, uma descolonização de corpos. Pois nossa educação sempre foi para a rigidez do padrão imposto, eram e ainda são corpos sentados, obedientes quietos. A capoeira e suas inúmeras formas de manifestação seja pelo canto, ginga (que é a dança da capoeira), instrumentos musicais, e toda a harmonia que engloba uma roda, nos faz refletir o que é a capoeira para a cultura e resistência do povo negro? e através dessa prática poder entender o que realmente foi a capoeira, sua importância na luta contra o racismo, a crueldade, o abandono, a dor de um povo que sofre as mazelas de um mundo extremamente preconceituoso.

No mundo da capoeira angola contemporânea, jogar capoeira é algo que não pode ser dissociado de um fazer político. Essa atividade passa a ser entendida como uma prática de resistência negra que conseguiu sobreviver ao longo dos séculos, apesar de todo preconceito e discriminação. Através das aulas e rodas de capoeira angola, os praticantes pretendem construir uma imagem positiva do negro e de sua cultura e, com isso, tornar os capoeiristas conscientes de seus direitos de cidadania e aptos para a luta política. Assim, o jogo de angola tem a missão de transformar os sujeitos, dotando-os de uma consciência crítica (VASSALLO, 2009, p.4)

Positivar a cultura negra, é algo polêmico a partir do momento em que a capoeira angola, torna-se mais embranquecida, fugindo do estereótipo do corpo negro em si. Quando corpos brancos apenas reproduzem movimentos sem uma conscientização do que significa aquela cultura e não dão importância ao seu passado, então, não há valorização alguma de corpos brancos representando a capoeira angola, como uma manifestação da cultura afro brasileira e africana.

¹⁰ Praticantes da capoeira angola.

Nossa educação foi conduzida a moldes estrangeiros, sempre muito conservadora, desde a chegada dos jesuítas como os primeiros educadores desta terra. Nesta época inicia-se a colonização por parte da “educação” segundo nossos invasores, evangelizando os verdadeiros donos do Brasil, nativos aqui presentes os indígenas, que foram obrigados a excluírem sua cultura, crença e modos de viver pela ganância e superioridade dos então salvadores das almas pecadoras. Visando esse processo histórico como o início da grande desigualdade o qual se encontra nosso país, e que através dessa doença chamada: superioridade branca, é que há muito o que se transformar a educação no país se é que realmente queremos uma equidade ou apenas fingir uma igualdade, e assim mantendo a desigualdade como sempre foi a construção histórica nacional.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. (MUNANGA, 2005, p.15)

A partir de uma nova consciência em nossas relações em sociedade e acredito fielmente que é a partir de uma nova forma de educar que é possível reconstruir esse país, mas sozinha isso seria inviável. É preciso uma nova forma de políticas públicas, uma reeducação principalmente dos órgãos públicos, ou seja, não consigo ter em mente, outra maneira de amenizar as mazelas da sociedade, se não pela educação. Nosso sistema ainda se encontra com muitas falhas, e não se pode mudar toda uma constituição de séculos de opressão em apenas quinze anos, data que a lei de diretrizes e bases da educação nacional estabeleceu a lei 10.630/03 que inclui obrigatoriamente o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana na educação básica. Anda há muita luta pela frente para que toda a reparação seja de fato alcançada, mas estamos caminhando.

Todo um processo de formação de identidade brasileira, seguida de uma consciência de povos em diáspora terem sido violentados e quase exterminados, que é o caso dos indígenas não será do dia para a noite. Primeiramente, temos uma população favorecida com toda essa exploração, e para essas hierarquias que é adocida pela educação do poder, abdicar, e reconhecer seus privilégios é algo muito complicado. Os governos são exemplos da grande exploração, visto que no poder atualmente temos um golpe, e assim a manutenção desses privilégios. A burguesia jamais irá por livre e espontânea vontade sanar os danos causados

durante todos esses séculos, então nós enquanto seres subalternizados vamos continuar na luta por condições de vida realmente dignas.

Com a perspectiva de uma educação outra, sendo a descolonização de uma educação excludente aonde mais se divide do que se une, levo como base de uma nova visão de mundo a capoeira angola. Que em grupo é formada uma comunidade em busca de vadiação¹¹ ou seja um bem estar entre todos, levando a ancestralidade¹² a tona, emanando toda uma energia para que todos contemplem e se sintam contemplados na grande roda da vida. Não é possível realizar uma roda sozinho é preciso tocadores, cantadores e um círculo para que possamos juntos construir uma conversa corporal entre os jogadores.

Levo este ensinamento da capoeira para nossa educação, aonde juntos, cada um com a sua singularidade, possa contribuir e construir uma roda, aonde todos possam vadiar. Sendo a capoeira com muitos indicativos levando-a a uma espiritualidade outra, que não a tradicional, temos muitas dificuldades em inseri-la nas áreas educacionais do país, afinal a capoeira é negra e com ela, traz seus fundamentos espirituais, oriundo das religiões de matrizes afro-brasileiras e africanas como o candomblé. Estes fatores, assim como algumas práticas negras, não são vistos com bons olhos em nossa educação, ainda construída pelos modelos tradicionais brancos, logo, extremamente racistas.

No plano individual as pessoas afro pindorâmicas¹³ foram e continuam sendo taxadas como inferiores religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tidas como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. (SANTOS, 2015, p.38)

Uma das primeiras aulas que dei como professora de Educação Física em uma escola em Seropédica, uma criança me questionou, pois queria saber para que ela precisava fazer capoeira? Na época, eu era estagiária, e tentei argumentar, mas o tempo que me davam e meu pouco conhecimento sobre as questões raciais e sua história, fez com que eu também me questionasse. Afinal por que ensinar capoeira e por que eu faço capoeira? Após alguns anos, eu respondo por mim agora. Faço capoeira para me fortalecer enquanto ser.

¹¹ Vadiar na linguagem da capoeira significa festejar, estar em grupo, jogar, tocar, cantar, sentir a liberdade.

¹² O presente só é possível pelo passado que o antecede. Noguera, 2010.

¹³ Este termo é utilizado por Antônio Bispo dos Santos para contestar a intitulação dada pelos colonizadores aos índios. Segundo o autor, é uma técnica usada para substituir uma autodenominação, sendo assim, adestrar esses povos, pois quando se quer dominar um animal, primeira coisa que se muda é o seu nome.

Não apenas o humano que os brancos dizem. Pois minha raça para os brancos nunca foi de espécie humana, e sim um fortalecimento que escola e universidade nenhuma pode me dar: A busca sobre minha verdadeira e linda história, negra índia, negra, afro brasileira, descendente de deusas e deuses rainhas arrancadas de suas terras. Faço capoeira para me defender de todos que dizem que ser negro é ser ruim. Faço capoeira porque ela faz parte de mim.

Busco fundamentar a prática da capoeira como uma educação antirracista, aos negros, como forma de identidade e afeto aos seus ancestrais, aos brancos e não brancos como responsabilidade, respeito e também afeto e ainda mais, aos brancos uma oportunidade de pela primeira vez reconhecer que não são protagonistas, e digo mais antes de chegar em quaisquer terreiros, saiba seu lugar. Pois durante séculos vocês brancos não só nos mataram, vocês se apropriaram de vidas e até hoje sugam apenas para si nosso maior bem: a cultura.

Por falarmos sobre culturas é preciso identificar a diferença o qual nossos invasores nos viam como inferiores por comparar-se com suas culturas. O narcisismo branco é algo fundamental para citarmos aqui, pois tudo que não é igual a cultura branca, cristã, heteronormativo, é algo absurdo para os colonizadores. O que é diferente sempre é inferior, pior, sujo, mal, ruim.

manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteísta geralmente são organizados em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes, classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos (SANTOS, 2015 p.41) As

Ao analisarmos a cultura eurocêntrica percebe-se o grau de individualismo e ascensão que é o fator primordial para a realização do ser branco. Sucesso é ser o melhor, perder é algo extremamente inviável a esta cultura. Por isso as transformações das culturas afro brasileiras, africanas, indígenas, asiáticas e outras manifestações não brancas são envenenadas como este fundamento. Para o Branco não há problema algum em modificar culturas outras, afinal este é seu fundamento primordial: dominar. Sendo assim, por que a doença da superioridade é tão latente até os dias atuais como sendo algo bom? Se as mesmas causam infinitas depressões e modo de vidas totalmente desiguais? Por que o poder de embranquecer é maior do que o de enegrecer? Os corpos brancos dentro das culturas afro brasileiras como a capoeira, será capaz de legitimar uma luta negra, sem interferir em seus reais fundamentos?

Segundo Rego (1965, p.34), Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha e também professor de Educação Física, e Inezil Penna Marinho, publicaram alguns livros um se chamava: Capoeiragem/arte de defesa pessoal, reeditado em 1962 com o título: Capoeira sem mestre. E o segundo subsídio para o estado da metodologia de treinamento, e assim alguns livros publicados por eles tinham o objetivo de treinamento físico, modificando, até se tornando esquecidos determinados golpes da capoeira. Pode-se levar ao contexto geral que sendo a Educação Física e seu papel como saúde corporal em termos atlético e com o intuito de corpos fortalecidos para nosso exército, a base fundamental biologicamente falando era as técnicas de luta, este era apenas o princípio da capoeira, sua arte corporal como ferramenta de defesa pessoal.

No desenvolvimento do conteúdo da Educação Física escolar, o médico, e mais especificamente o médico higienista, tem um papel destacado. Esse profissional passa a ser um personagem quase indispensável, porque exerce uma "autoridade" perante um conhecimento de ordem biológica por ele dominado. Esse conhecimento vai orientar a função a ser desempenhada pela Educação Física na escola: desenvolver a aptidão física dos indivíduos. As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. (COLETIVO DE AUTORES, 1994, p.36)

O passado da Educação Física nos diz como esta ciência era utilizada, e quais são os resquícios da mesma nos dias atuais. Aqui podemos entender um pouco da utilização da capoeira como esporte brasileiro, não dando importância a sua real utilização na época escravista, sua história, e seu passado. Como algo proibido, pois a capoeira foi para o código penal e, isso não pode ser esquecido, pelo contrário, é preciso lembrar todos os dias assim, como a história do cais do valongo, o horror do povo negro trazido a força pelo branco colonizador e tudo que os africanos passaram nesta terra chamada Brazil.

A capoeira tem o poder de ser utilizada como inúmeras formas de aprendizado, seja na história, na educação física, na matemática, etc. Assim, poder explicar de forma mais dinâmica e fugindo da tradição escolar brasileira, uma outra maneira de ensino aprendizado. O que podemos levantar aqui como culturas e ensinamentos descolonizadores, é a forma circular que as manifestações negras possuem. Não querendo enfatizar a supremacia de uma cultura pela outra, mas sim, que possa haver um diálogo e assim uma escolha.

“Para a cultura negra (no singular e no plural), o círculo, a roda, a circularidade é fundamento, a exemplo das rodas de capoeira, de samba e de outras manifestações culturais afro-brasileiras. ” (Rocha e Trindade, p.61, 2006) Neste caso a capoeira tem para ensinar um

enfrentamento do projeto contra colonial e supremacia branca. Não podemos deixar nossa cultura mais uma vez ser roubada e descaracterizada pela branquitude, e como os brancos sabem fazer isso muito bem, utilizam do que mais entendem: A violência. É partir da violência que a supremacia branca impera até hoje. Cabe a nós enfrenta-la mais uma vez.

“Em roda pressupõe-se que os saberes circulam, que a hierarquia transita e que a visibilidade não se cristaliza. O fluxo, o movimento é invocado e assim saberes compartilhados, podem constituir novos sentidos e significados, e pertencem a todos e a todas.” (Rocha e Trindade, p.61. 2006). Observando a capoeira angola e seus fundamentos práticos podemos dizer que a mesma é diferente de outras manifestações da cultura corporal de movimento, o qual se distancia da Educação Física tradicional escolar.

Mantendo sempre a tradição, futebol, vôlei, basquete, etc. Como nas aulas de educação física podemos inseri-la? Contextualizando as diferenças por exemplo do futebol e capoeira podemos perceber a importância de se falar e praticar essas diferenças com nossos alunos, a exemplo de Antônia Bispo dos Santos diz que:

O jogo de futebol é regido por regras estáticas e pré-definidas, onde vinte e duas pessoas jogam, uma pessoa julga e milhares assistem. Podem ocorrer que entre as pessoas que assistem exista alguém que jogue melhor que uma das vinte e duas que estão jogando. Mesmo assim dificilmente esse alguém poderá entrar no jogo. (2015, p.41)

Na visão do autor a cultura eurocêntrica criada pelos ingleses é excludente, diferente da cultura afro-brasileira que o mesmo se refere ao relatar sobre a lógica da capoeira:

Numa roda de capoeira, regida pelos ensinamentos de vida, podemos ter cinquenta pessoas jogando, uma pessoa ensinando e pouquíssimas assistindo. Entre as poucas que assistem pode haver alguma que nunca viu a capoeira. No entanto, se esta quiser, ela pode entrar na roda e jogar. Uma pessoa de qualquer sexo e de qualquer idade que não conheça das duas modalidades tem muito mais probabilidade de ser convidada para entrar numa roda de capoeira que num jogo de futebol. (2015, p.41)

Lembrando que para se jogar capoeira, nem é preciso ser melhor do que quem está praticando a mesma durante uma roda, diferentemente da questão do futebol. É a lógica do convidar a conhecer. Quem nunca viu, venha ver. “Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da

coletividade. Eis a importância das cosmovisões¹⁴ na organização das sociedades.” (Santos, 2015 p.42)



Foto: Maria Buzanoviski

1.2 ANGOLA, REGIONAL E O RACISMO

*Fogo!...Queimaram Palmares,
 Nasceu Canudos.
 Fogo!...Queimaram Canudos,
 Nasceu Caldeirões.
 Fogo!...Queimaram Caldeirões,
 Nasceu Pau de Colher.
 Fogo!...Queimaram Pau de Colher...
 E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
 Que os vão cansar se continuarem queimando
 Porque mesmo que queimem a escrita,
 Não queimarão a oralidade.
 Mesmo que queimem os símbolos,
 Não queimarão os significados.
 Mesmo queimando o nosso povo,
 Não queimarão a ancestralidade.*

¹⁴ Segundo o autor cosmovisão são desenvolvidas pela sua população através da religiosidade, é a partir dessa cosmovisão que constroem as suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida.

Nego Bispo (p.46,2015).

Antes de iniciarmos este trabalho sobre capoeira temos que citar que atualmente as mais conhecidas são a Angola e a Regional, não podemos esquecer a origem que resultou estas duas categorias. A capoeira era uma manifestação da época escravista relatada em sua grande maioria pelos escravos de polícia na virada do século XIX para o século XX. Quando falamos e denominamos nesta época a capoeira escravista, visto estes relatos de uma época muito sofrida para o povo negro mas também de muita resistência, pois não temos certeza da identidade da capoeira, é africana ou brasileira? Mestre Pastinha conheceu a capoeira através de um africano, logo por alguns textos da época, podemos pensar que a capoeira foi trazida para o Brasil e aqui, foi se transformando, até os dias atuais.

A história da capoeira escrava no Rio de Janeiro Imperial é uma saga feita de dor e castigo, um conflito de extrema violência, e de extrema crueldade, mas também uma lição de companheirismo e solidariedade, de esperança e de coragem, onde africanos e crioulos irmanados pelo cativo, enfrentaram seus carrascos, e mudaram seus destinos. (Líbano, 1998, p.11)

Como podemos perceber antes de existir Regional e Angola, havia o início de tudo, uma capoeira feita para a defesa de corpos negros na época da escravidão no Brasil. Uma manifestação que surgiu de uma necessidade de se defender dos horrores cometidos nesta época. Podemos dizer então que o surgimento da capoeira se deu pelo fato do movimento escravista do Brasil. “Nesta época os escritos sobre os capoeiristas eram as piores possíveis, mas também mesmo sendo autoridades repressivas com ódio racial, deixavam escapar, mesmo que raramente a admiração pela coragem, altivez e o dom de liderança, e o companheirismo das maltas¹⁵ das capoeiras da época.” (Líbano, 1998, p.12)

Falaremos aqui brevemente sobre algumas características da Regional, e de outras vertentes da capoeira, não irei aprofundar sobre o tema visto que não é esse o foco do presente trabalho, mas algumas considerações serão feitas. Duas escolas sendo regional ou angola, deve-se orientar para combater as práticas de opressão racistas. Suas diferenças e semelhanças são necessárias para algo muito maior, o entendimento da raiz da capoeira para uma união contra qualquer tipo de opressão, seus fundamentos e práticas levadas para orientar contra o racismo. Afinal, capoeira na época da escravidão, não tinha separação, todos eram capoeiras. Mesmo sabendo que a capoeira tem esse fundamento anticolonial, existe também uma

¹⁵ Grupos que passaram a dominar partes da cidade, e digladiar com outros, em ferozes batalhas noturnas que assustavam os moradores brancos da corte. (Líbano, 1998.)

capoeira que nada tem a ver com a luta antirracista e sim, usada para autopromoção capitalista, como também é a nossa educação, ou seja, mercadoria.

Mestre Bimba fundador da capoeira Regional Baiana, onde uma de suas características, é um jogo alto e rápido. O uniforme utilizado neste estilo de capoeira, chama abadá esse, caracterizado pela cor branca, praticantes descalços e com seu cordel na cintura. Reconhecido na década de 30, pelo presidente Getúlio Vargas a capoeira Regional foi aceita como esporte, pelos movimentos e sequencias criados pelo Mestre. Visto com uma arte marcial brasileira, a capoeira para ser aceita teve que passar por um processo de esportivização. “O primeiro mestre a abrir uma escola de capoeira foi mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), em 1932, na cidade de Salvador – BA, no Engenho Velho de Brotas. Por volta de 1937, consegue o primeiro registro oficial do governo para sua academia.” (BRASÍLIA, 2007, P.56)

Há duas características referentes ao contexto sócio-histórico da época que dão a este feito um sentido específico: A conjuntura política que estimulava ideais nacionalistas pela forte influência do “Estado Novo” de Vargas na defesa de um modelo de ginástica que pudesse ser genuinamente brasileiro - este discurso a favor da mestiçagem foi ganhando força na medida em que as autoridades notaram a inviabilidade de negar o grande contingente negro que o Brasil possuía, além disso, começa a haver a institucionalização da capoeira – que pode ser lida como tentativa de cooptação e controle de uma arte que insurgiu de forma subversiva em alguns pontos do território nacional. (MELLO, 2015 p.24)

Nessa época podemos perceber o porquê que a capoeira foi aceita como a “ginástica brasileira”, foi preciso transformá-la em atividade esportiva, eurocentrada, com regras e características de lutas marciais com faixas, e graduações, para tirá-la da “marginalidade. “A descaracterização da capoeira para ser aceita como esporte foi de tamanha importância, pois para tirar aquela imagem de negros vadios e se tornar uma referência de esporte nacional, era preciso “limpar” essa imagem negativa que mostra na verdade a revolta de um povo oprimido pela ambição do povo branco, que em sua perspectiva eram mais evoluídos. Mestre Bimba, assim como muitos mestres negros da capoeira, faleceu na miséria deixando uma história de luta, marcada por preconceitos e apropriações, onde o reconhecimento caso não tenha um homem branco para auxiliar, perde o seu valor.



Foto Tirada no hall do alojamento masculino da Rural. Mello, 2015, pag 25

Na foto acima uma roda de Capoeira Regional que ocorria mensalmente, realizada pelo grupo navio negreiro, parte do projeto de escolinhas da Universidade Federal Rural. Nesses encontros vários grupos incluindo o Grupo de Capoeira Angolinha, e outros da comunidade de Seropédica, participavam da roda e suas confraternizações.

“Defendemos que os debates em torno da origem da capoeira sejam extremamente importantes no entendimento da organização simbólicas das identidades, mas acentuamos mas acentuamos o campo do ensino-aprendizado como local em que os sujeitos concretizam essas diferenças. Assim, ao contrário da maioria dos praticantes da Capoeira Regional que arriscam afirmar “jogar as duas”, talvez até como intenção de pregar uma possível não rivalidade entre os estilos, entre os angoleiros, entretanto, ´mais comum a intenção de se dizerem diferentes e esta afirmação passa, inclusive, pela rejeição aos símbolos que dizem respeito a Capoeira Regional (e não necessariamente aos seus praticantes). Pra estes a Capoeira Regional significa a redução da capoeira à dimensão atlética, e sem fundamentos diz um dos entrevistados: “ A Capoeira Angola é arte e luta. A capoeira Regional é só luta”. (ARAÚJO, 2004, p.118)

Capoeira de angola é jogada no chão.

Ao frequentar os espaços de capoeira angola assiduamente, me identifique com aquele universo, principalmente no que diz respeito a musicalidade. Embora a musicalidade não seja o foco da pesquisa, ela se encontra como fator importantíssimo em vários momentos da dinâmica no educar de uma roda de capoeira angola. A bateria da angola me ensinou muito,

coordenação motora, tocar os instrumentos com perfeição, (ou pelo menos tentar) ritmo, a história cantada, momentos da roda que o canto influencia. Esses rituais na Capoeira Regional eu não tinha tanta vivência.

A ritualidade e os movimentos corporais da capoeira angola, me encantaram. Os gestos cada um, com um significado, uma mandinga, uma expressão que não se aprende, se sente. Ao contrário da capoeira regional, eu percebi o quanto a angola preservava a capoeira antiga, aquela que era proibida e perseguida pelo estado, e quem a praticasse era preso. Como nos relata Mestre Noronha em seu manuscrito: “Nesta Baderna desde da idade de 8 anos nus meios de bom e ruins e itau porisso procurei saber o fundamento deste esporte que era tão odiado pelloo governador como a polícia fui muito perseguido pela polícia.” (Brasília, 1993 p.17). Assim com pouco conhecimento da escrita mestre Noronha nos diz que foi muito perseguido pela polícia, e essa perseguição no remete a uma reflexão do porquê buscar saber os fundamentos da capoeira angola, e o porquê a regional existe como outras vertentes, para mascarar o real sentindo a ela atribuído, que é uma manifestação do povo negro em busca de liberdade.

A capoeira Angola foi fundada por Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha nascido em 1889 em Salvador onde sua academia encontrava-se no Pelourinho. Na Angola, os praticantes se vestem com calça social, cinto, blusa para dentro e calçados. Sua bateria é formada por três berimbaus: Gunga¹⁶ ou berra boi, médio e viola, um atabaque, dois pandeiros, um agogô, e um reco-reco. Com a formação da bateria completa inicia - se o ritual da roda, com o cantador geralmente segurando o gunga, e o coro a responder. A formação dos instrumentos na roda varia com o grupo de capoeira Angola, assim como as cores de seus uniformes, que em algumas escolas significa as cores do orixá da casa. Mas que na época do mestre Pastinha, as cores amarelo e preto significavam as cores do time de coração, o Ypiranga da Bahia. Na foto a seguir uma roda de capoeira angola realizada pelo Grupo de Capoeira Angolinha na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. “A capoeira encerra em seus movimentos a luta de emancipação do negro no Brasil escravocrata. Em seu conjunto de gestos, a capoeira expressa de forma explícita, a “voz” do oprimido na sua relação com o opressor” (Coletivo de Autores, 1994, p.76)

Nesse sentindo um corpo branco presente em manifestações negras, deve ter a responsabilidade de uma condição antirracista, pois um corpo branco por si só já é uma opressão. Enquanto praticante de capoeira angola, não posso deixar de expressar também que

¹⁶ Instrumentos que formam a bateria da capoeira angola. Gunga, que comanda a roda, maior cabaça, médio, cabaça média e viola, menor cabaça.

peessoas brancas me ensinaram a capoeira angola, isso é um fato. É legítimo, pois o que questiono neste trabalho, não é os brancos como inimigos (por mais que isso seja difícil pois, toda nossa construção fomos violentados por eles) mas que possam somar junto ao movimento contra as opressões que negros e negras sofrem dia após dia. Reconhecer seus privilégios enquanto branco em nossa sociedade brasileira já é um pequeno passo na luta antirracista.

A branquitude enquanto tema, está sendo investigada e estudada com maior frequência na atualidade, entender essa relação enquanto emponderamento, seja financeiro, social e afetivo é fundamental para que possamos entender um pouco da estrutura racista que se solidificou e ainda resiste na atualidade. Liv Sovik diz:

O discurso que identifica a cultura brasileira como afetiva, no sentido de carinhosa, marca ainda uma diferença brasileira com relação por exemplo, ao discurso unificador do “sonho americano”, de acordo com o qual todos têm condições de ascender socialmente e, portanto, são fundamentalmente iguais;(…) No Brasil, o afeto é uma metáfora para a unidade nacional, para a maneira brasileira de lidar com a diferença interna. Esteve presente no processo de embranquecimento. (p.34, 2009)

Mais adiante falaremos sobre a questão da branquitude na sociedade brasileira, a seguir temos uma imagem de uma roda de angola, realizada na Rural. Aonde pode-se perceber a grande maioria brancos e não negros.



Foto: Marinelli, 2016 evento Grupo de CapoeiraAngolinha UFRRJ

O Jogo na roda de angola é iniciado por dois angoleiros, onde uma pergunta e outro responde, sendo este fundamento importante na área da educação corporal, buscando aqui evitar em relação aos esportes a competitividade, pois sem a resposta do outro não há jogo, eu preciso do outro e não ser melhor que o outro, um diálogo corporal.

‘O exercício’ da Capoeira Angola no cotidiano dos seus iniciados cumpre o aspecto filosófico que lhe é primordial: o exercício entre a Pequena e a Grande Rodas. Ou seja, embora a sua prática assegure as complexidades da individuação, é no exercício comunitário que ela é avaliada, refletida e re-avaliada, constantemente (ARAÚJO, 2004, p. 113).

Durante o jogo, após a ladainha e a louvação, vem os corridos¹⁷ que dão um alerta para quem está dentro do jogo, conhecer as cantigas de capoeira é muito importante para saber o andamento do jogo. “Esta Roda de símbolos, sentidos, significações e mandingas é composta por singularidades que se unem ao formar o círculo e se tornam protagonistas nas várias funções da Roda-Jogo: jogadores, tocadores e cantadores.” (ALMEIDA, 2014, p.21)

Assim como a regional, a capoeira angola também sofreu um processo de transformações para o seu devido lugar em sociedade, como a formação de inúmeras academias. Entendemos que toda cultura é dinâmica e está sujeita a transformações com o passar do tempo, mas que alguns elementos identitários devem permanecer. Até que ponto a capoeira terá que se modificar para que deixe de ser algo ruim aos olhos da sociedade? Será que a capoeira agrega a todos? E que todos seriam estes? O fundamento dos antigos hoje ainda são respeitados?

Anteriormente falei sobre a minha descoberta, ao me auto intitular como mulher negra através da minha prática nos espaços de capoeira angola e sua importância para a formação da minha identidade na sociedade.

De acordo com BENTO, “No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais.” (p.25, 2002) num país racista, onde mais da metade da população é negra¹⁸ essas condições de auto ódio implica o quanto ainda é preciso trabalharmos nossa confiança e amor enquanto povo negro. Enquanto tudo referente a humanidade for dito como branca, nossa identidade negra será sempre questionada como modelo de inferioridade.

A sociedade brasileira é racista, e sua construção não foi proposital, a chegada da imigração um projeto de “limpeza” do povo brasileiro foi se consolidando. Santos (2002),

¹⁷ Louvação e corridos são canções após a ladainha, onde os capoeiristas, iniciam o jogo.

¹⁸ Dados IBGE 2015.

aponta sobre as teorias abolicionista no século XIX, onde Louis Couty um médico francês que veio lecionar no Brasil, e que “argumentava sobre a ausência de preconceito racial o Brasil. ”

Tentava, assim, convencer o senador de que, pelo bom tratamento vivido pelos escravos, não haveria necessidade de se criar o caos econômico no país pela abolição imediata da escravidão que deveria então processar-se de forma gradativa, oferecendo tempo hábil para tanto ex-escravos quanto cidadãos se habituassem à nova situação. Como veremos esse tipo de raciocínio visava gerar a sensação de que, não havendo maus-tratos aos negros, havendo igualdade entre as raças, o estado lastimável em que se encontrava a população negra, liberta ou cativa, era devido, a única e exclusivamente, à sua própria incapacidade e assim, caso o Brasil desejasse atingir o progresso das nações europeias, deveria contar com a ajuda de uma raça mais capaz que a negra, forte pretexto para a imigração. (SANTOS, 2002, p.82)

Este pensamento de inferioridade para com os negros, é trabalhado fortemente nos dias atuais, vários casos de racismo presenciamos nas redes sociais e no dia a dia, como o caso do apresentador de televisão, falando ao seu colega termos extremamente racistas: “isso é coisa de preto. ” Tudo que nos foi ensinado em sociedade, seja as representações na mídia, os livros, o que estudamos nas escolas e universidades, são referências negativas do povo negro. O nosso povo, a nossa cor, o nosso fenótipo, nossa culinária, música, penteados, ou seja, nossa cultura era desvalorizada e vista como não humanos, como não dignos. E entender o quanto é repugnante a construção da capoeira e outras culturas negras sendo descaracterizadas e positivadas a partir do branco opressor e excludente, temos a certeza de que o projeto de embranquecimento ainda é muito forte em nossa sociedade. Isso para mim é a perpetuação da violência com os negros. Ter consciência racial é o mínimo para que sejamos capazes de mudar as mentes racista e opressoras. Nossa educação é, manutenção e controle para que essas atitudes racista e cruéis se perpetuem. Nosso país nunca quis ser negro, as resistências e formações de quilombos não foram feitas para brincadeiras. E sim para construir um lugar aonde o nosso povo negros e indígenas pudessem ter o mínimo de vida. Nenhum branco abolicionista pensou na introdução do povo negro na sociedade. Ressarcindo assim, toda a violência contra os povos indígenas e negra, nossa luta sempre foi nós por nós

A preocupação com o futuro do país, com um progresso que seria bem-vindo, colocava em destaque as teses racistas de então, que, com todo vigor, tomavam as falas dos parlamentares e intelectuais brasileiros. Eles passavam

a encarar o negro como signo de araso do país e a considerar a imigração como única saída honrosa. (SANTOS, 2002, p.83)

Mas assim como eu, quantas pessoas se reconhecem como negras? Ou melhor será que há uma positivação em ser negro (a)? A minha prática dentro dos espaços de capoeira angola, através das vivências e trocas de energia de uma roda, conversa com os mestres antigos e as letras de suas ladainhas me fizeram perceber qual a minha importância na sociedade excludente, e racista a qual somos formados. Minha autovalorização enquanto mulher negra foi também positivado pela capoeira, independentemente dos brancos ali presentes. Dentro da minha família a nossa negritude nunca foi motivo de orgulho, pois ouvia minha mãe dizer que gostaria de ter uma filha branca, do cabelo liso, com lábios finos. Cresci com vergonha das minhas características físicas, apesar de ser uma negra clara, eu se exatamente aonde o racismo é pesado em minha existência.

A capoeira angola também me mostrou o racismo, o preconceito e a falta de representatividade em seu meio. Como posso saber se uma manifestação de cultura afro brasileira, tão rica em corporeidade e fundamento poderá ser uma ferramenta contra a opressão e o racismo, se não se fala dentro desses espaços sobre o tema? Será essa também uma forma de opressão e violência? Não abordar este tema é ser mais uma vez conivente com o racismo, principalmente dentro da capoeira angola.

As relações étnicas raciais devem ser discutidas em todas as instituições de educação, principalmente nas que estudam e praticam suas manifestações. Agora já se perguntaram porque elas devem ser faladas, questionadas e discutidas? E acima de tudo o interesse a pesquisa dessa história mal contada por séculos é de tamanha importância, pois se você não busca esse conhecimento, também não tem o direito de vir questionar quem se dedica a ela. Em minha formação universitária, tive acesso a determinadas questões no último período da faculdade. E mesmo assim, não era disciplina obrigatória e nem relacionada à Educação Física. Nossa formação de professores ainda é alienante, o que é preocupante pois que tipo de profissional estou formando para a sociedade? Mas, aos poucos vejo sim, mudanças significativas para o processo contra o racismo.

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e

discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte. (PCN, p. 24)

Uma vez reconhecida como prática pedagógica, agregar uma dimensão mais política, mais crítica e consciente sobre a realidade da população negra e, conseqüentemente sobre um novo modo de concepção educacional. Levar a educação da capoeira angola e sua pedagogia como um dos instrumentos da inserção da cultura afro brasileira e africana nos ambientes escolares e também nas escolas de capoeira angola. Pois em espaços de capoeira angola, não só da prática se faz um ambiente com consciência racial, pois muitos espaços são alienados sobre a questão da raça como fator principal desta atividade. É sobre esses argumentos e esta referência que tenho visto que em minhas experiências no mundo da capoeira angola, se é possível uma nova forma de educação, já que a inclusão da cultura afro brasileira e africana nas escolas, com a lei 10.639, ainda é de grande dificuldade pois visto que mudança na lei de diretrizes e bases da educação é quase que total e sendo assim, mudanças em seu corpo docente também, demandando um tempo para que a real transformação em nosso sistema seja efetivada.

O que mais me incomoda nos espaços de capoeira angola, são as diversas opiniões sobre a cultura da mesma, sendo na maioria das vezes o total alienamento de uma consciência em praticar uma atividade afro-brasileira sem ao menos saber o porquê dessa atividade estar ali e o que ela representa para uma construção educacional de uma sociedade. Não sou africana, sou brasileira, e qual é a minha identidade? Venho de povos em África e também daqui do Brasil no caso os indígenas. A capoeira me fez mais negra, e será que os brancos que se interessam pela prática, também se interessam pela teoria?

Quero dizer com isso, que as significações atribuídas à Capoeira Angola nos dias de hoje, dependem muito dos usos que as/os praticantes fazem dela. Embora a capoeira seja marcada por uma trajetória de luta e resistência das populações negras na diáspora e esse discurso seja fortemente reiterado, nem sempre o discurso se converte em prática. Percebo que pertencer a uma prática de cultura negra, não determina necessariamente envolvimento destas/destes praticantes de forma militante e consciente nas questões referentes às transformações sociais, como a luta antirracista, por exemplo. (ALMEIDA, 2014, p.12)

Uma das características corporais da capoeira angola, é ser mais rasteira, jogo baixo, aonde exige uma resistência diferente, principalmente, em relação aos braços, e cabeças levadas ao chão. Para mim, é muito difícil narrar algo que faz parte do cotidiano, viver a capoeira angola e ter que explicar como ela pode transformar a realidade de muitas crianças,

implica saber se na infância ela seria uma forma de educar o corpo, e mais, educar um corpo negro.

Nesse sentido, uso o termo afrocentricidade¹⁹ que elabora progressivamente, além das obras elaboradas na tradição ocidental, a ética e a filosofia ancestrais e a ética na produção do conhecimento por africanos no seu próprio contexto de vida. (NASCIMENTO, 2009, p.41) para a reorientação dos corpos negros. E assim, poder desde da infância reconhecer a si mesma como negra (o) e a partir do conhecimento da cultura corporal e a história da capoeira angola, com seus fundamentos, utilizá-los nas aulas de Educação Física.

“A educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou, seja trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou.” (Coletivo de Autores, 1994, p. 53)

Esse reconhecimento o que nas escolas de Educação Física é ausente, é algo a problematizar. Preocupam-se em sua grande maioria com o corpo em relação a saúde e estética, deixando de lado aprendizados outros, aprendizados que poderá formar profissionais mais capacitados na luta contra o racismo. O corpo como representatividade da cultura afro brasileira. O corpo como parte fundamental da educação.

Se os traços físicos estabeleciam uma conduta, seria importante desenvolver uma ciência da aparência, que seria a reedição de que o corpo representa a exteriorização da alma revelando, por meio de seus traços, os vícios e as virtudes humanas. Com os avanços conseguidos pela anatomia, que podia provar a interdependência dos órgãos do corpo e a influência de suas funções na conduta do indivíduo, não foi difícil argumentar que diferenças físicas entre as raças produzissem diferenças intelectuais e morais. (SANTOS, 2002 p.57)

Nesse contexto, como o corpo negro que sempre foi visto como o negativo, o feio, o não aceito pela sociedade educada por e para corpos brancos, sinto a necessidade de eleger a prática e vivência da capoeira como uma forma de reconhecimento do belo e do positivo de ser negro. Segundo Almeida, “Não iremos narrar a vida alheia, as histórias alheias, àquilo que está solto e “distante” no mundo. Iremos narrar o que nos alimenta, que nos traduz, que nos transforma, que nos reinventa; iremos, de algum modo, narrar nossa própria vida. ” É nesse sentido, que narrar a manifestação da cultura da capoeira angola é muito difícil, pois é algo que envolve sentimentos, emoções e experiências cotidianas da vida do pesquisador, que aqui vos escreve. Algo que academicamente é difícil, visto que as universidades também são

¹⁹ Uma proposta teórica do professor Molefi Ketj Asanti (1980). Mas adiante falaremos sobre o tema neste trabalho.

formadoras de conceito eurocentrado o que significa dizer que pesquisas geralmente são feitas em decorrência da experiência de terceiros. E assim, sendo utilizadas em prol de uma estrutura embranquecida.

Um corpo negro se torna mais negro ao praticar culturas oriundas de matrizes africanas, mas o corpo branco não se torna mais branco por praticar capoeira, maracatu, jongo, etc. O que se espera dos corpos brancos nessas manifestações, é a consciência, e como diz Fannon: “Consciência é uma atividade transcendente. ”

1.3 CAPOEIRA ANGOLA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

A promulgação da lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica foi um avanço em decorrência da luta dos movimentos sociais negros em nosso país, uma forma de inserção do reconhecimento e valores da Cultura negra em nosso sistema educacional. Em decorrência desta lei, o acesso às manifestações de cultura afro brasileira e africana tornou-se de fundamental importância para o reconhecimento e orgulho da identidade negra. “Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico racial presente na educação escolar brasileira. ” (Brasília 2004, p.5)

Vejo a capoeira angola como uma das manifestações possíveis no reconhecimento da identidade negra, como algo positivo na luta contra o racismo em nossa sociedade brasileira. Através da capoeira, podemos ter inúmeras possibilidades de dialogar e poder expressar uma arte que inicialmente foi criada para enfrentar as dores e torturas causadas na época escravista pelos senhores feudais, não a deixando se perder, estudar e aprender a verdadeira história da capoeira: a luta por liberdade.

Segundo Brasília, (2004) para reeducar as relações étnicos raciais é necessário não ter pudor ao falar francamente sobre o racismo, sobre as dores e consequências causadas até hoje para a população negra do país. E refletir que sociedade queremos construir daqui para frente. É entender que se há marginalização de uns é decorrente da desigualdade gerada por outros.

No Brasil, o racismo se caracteriza de uma forma “velada”²⁰ de forma a ser extremamente racistas sejam em atos, palavras, brincadeiras e ao mesmo tempo haver uma negação sobre o assunto. A falsa construção do país não racista.

²⁰ Ser racista, sem parecer racismo.

Isso se deve ao fato da nossa história ter sido construída aos moldes de um país eurocêntrico, onde a dominação da branquitude, e sua relação com a época da abolição da escravatura ter sido uma grande fraude. Em suas falácias sobre um país evoluído, a discriminação racial tendo o negro como escravo, seria uma grande vergonha, pois em virtude de tornar o Brasil um país com as mesmas características europeias seria necessário o reconhecimento do negro como um ser humano, e não como uma propriedade.

Ora o que pretendia Nabuco²¹? Já foi dito, esse autor pretendia afastar os negros do processo político da abolição convencendo-os de que, no Brasil, não havia ódio entre as raças, não havia racismo, não havia violência contra libertos e que os melhores agentes no processo de condução da emancipação dos escravos não eram eles próprios, mas uma instância neutra e livre de paixões: o poder estatal. (SANTOS, 2002, P.110)

Ao notarmos o período de transição da libertação dos escravos, podemos perceber que é fundamental ter uma lei que nos ajude na busca da igualdade racial, justiça para com um povo que ajudou a construir a história desse país sendo abdicada da sua própria construção histórica. Pois ao mesmo tempo que temos uma lei, nos questionamos o porquê foi preciso decretar uma lei, que, recuperasse a autoestima dos cidadãos negros.

A capoeira Angola uma arte corporal, de origem negra, o corpo que reproduz os movimentos da capoeira, representa a corporeidade de um povo oprimido. Uma arte, uma dança, uma luta que a partir da consciência dos praticantes, possamos leva-la para a educação nacional, e questionarmos o sistema eurocêntrico que visa a separação de corpo e mente, diminuindo e oprimindo expressões a partir do corpo. Afinal, o que a capoeira angola com sua corporeidade, ensina aos praticantes? O que você aprende com seu corpo?

A cor negra aparece com muita frequência associada a personagens maus: “O negro é associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência” (ROSEMBERG, p.84 apud MUNANGA, 2005) A criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si própria e dos outros que se lhe assemelham. (SILVA, 2005, p.27)

Primeiramente gostaria de mencionar alguns aspectos da dificuldade de se inserir a cultura afro-brasileira na escola, o preconceito e a falta de preparo de muitos profissionais da educação é algo que prejudica a aplicação efetiva da lei. O racismo está enraizado e

²¹ Nabuco, foi um abolicionista nacional, advogado e parlamentar de renome.

desconstruir padrões em nossa sociedade ainda é uma tarefa árdua, distante de ser exterminada.

Ao estudar sobre a descolonização, através do meu professor Luiz Fernandes de Oliveira no início da minha trajetória no mestrado, pude perceber a real dificuldade de se implementar a lei 10.639/03. Em seu livro *História da África e dos Africanos na Escola*, há uma descrição de um professor que diz:

Quanta dificuldade tem demonstrado as hostes acadêmicas em assumir uma ética na produção de conhecimento que refletia um novo compromisso com a teoria, com um espaço muito mais amplo de trocas, de encontro, de entendimento, não apenas através da racionalidade, embora balizados por ela. Realmente é difícil pôr na berlinda o próprio prestígio e poder. (PEREIRA apud OLIVEIRA, 2012 p.131)

Na reflexão acima podemos perceber o grau de dificuldade que é inserir a lei, pois é necessária uma nova construção de educação, e essa construção requer deixar os privilégios de cultura eurocêntrica, branca, racista, excludente, não mais como o centro do pilar educacional. E construir uma educação com novas formas de relações onde a diferença seja o principal meio de transformação social, e a partir da capacitação dos futuros docentes na área de diversidade étnico racial poderemos chegar em um momento onde, o modo como estas questões são trazidas na área da educação, possam contribuir para o combate contra o racismo.

No mundo da capoeira angola o educar um corpo negro ao me ver seria umas das formas de mostrar às nossas crianças uma cultura de valorização e orgulho de uma arte, segundo mestre Angolinha “Milenar.” O porquê de sua existência, tendo a oportunidade de desmistificar o preconceito existente nesta arte apenas por ser representativa de uma cultura negra, assim como tantas outras manifestações de mesma origem.

A lei 10.639/03 é uma lei que visa a cultura do povo negro apenas para a educação básica, fundamental e ensino médio, mas e a educação infantil? Nossas crianças ainda são educadas por mulheres negras nas creches. Essas mulheres teriam acesso à cultura afro brasileira e africana para inserir nas atividades das crianças nas escolas? E as mulheres brancas? As educadoras teriam uma formação adequada para a transformação das crianças negras e brancas da nossa sociedade?

Vivemos num país com grande diversidade étnico racial e podemos observar que existem muitas lacunas nos conteúdos escolares, no que se refere às referências históricas, culturais, geográficas, linguísticas, e científicas que deem embasamento e explicações que possam favorecer não só a construção do conhecimento, mas também a elaboração de conceitos mais complexos e

amplios, contribuindo para a formação, fortalecimento e positividade da autoestima de nossas crianças e jovens. (ROCHA E TRINDADE, 2006, p.55)

A partir da promulgação da lei 10.639/03, a história de todas as instituições de ensino, como os professores, os livros e todo o material didático, teve que de uma hora para outra modificar seus hábitos, transformar uma história vista como única e importante, como apenas mais uma história a ser contada. Mostrar a verdadeira história da construção do Brasil. A busca por reparações é lenta, estamos em 2018, e a estrutura das creches, escolas e faculdades do nosso país ainda são muito eurocentradas, não havendo um complemento como diz Munanga, (2005 p.17) “Crer na educação como ferramenta de desconstrução em relação a mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, e, a transformação da cabeça dos professores é tarefa importantíssima na luta contra o racismo. ”

Como professora de Educação Física vejo o educar corpos para além dos esportes eurocêntricos, com a finalidade de promover a luta antirracista nas escolas com a capoeira Angola. Colocando-a nas atividades do currículo como uma educação contra colonial. Obtendo uma educação através da capoeira sem origem ocidental, ou euro cristã. Podendo aumentar sua prática nas redes públicas e privadas, usando a cultura negra como fundamento para uma nova perspectiva de um país onde as diferenças sejam respeitadas. Ao propor tais modificações utilizo e tenho a meu favor a lei 10.639/03 que ainda em muitas escolas tanto privadas quanto pública não são utilizadas. A capoeira Angola seria uma iniciativa ao debatermos o tema racismo, invisibilizado em muitas instituições.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas e instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo terror de algum mal: Pena — de prisão cellular de dous a seis mezes. Paragrapho unico. E' considerado circunstancia agravante pertencer a capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro. (SANTOS, 2015, p.49).

Capoeira, era arma do negro, era na destreza do seu corpo, na inteligência dos seus movimentos que, assim escapavam das violências e perseguições. A história da luta e resistência dessa arte é necessária ser contada, para que possamos lembrar sempre que a capoeira se qualifica enquanto luta por sobrevivência. E por terem a modificado, por não conseguirem eliminá-la, também é algo a se discutir em sala de aula. Isso cabe a todos e todas independente da sua cor. A educação deve ser reciclada para que futuramente nossas crianças e jovens não sejam vítimas do preconceito racial que nos adocece, e nos mata.

Durante meio século, a capoeira permaneceu na ilegalidade, deixando de ser crime, 1937, quando, por interesses conjunturais e políticos, o presidente da república – Getúlio Vargas - decide tirar a capoeira da ilegalidade, concedendo-lhe uma liberdade vigiada através de normas e regras para seu funcionamento; a saber: ser praticada em lugar fechado, enfatizando o caráter esportivo e folclórico. (PAIVA, 2007, p.51)



Foto: Maria Buzanovsky, Salvador, Brasil

A resposta para uma capoeira efetiva na educação antirracista, seria recontar de forma prática sua verdadeira história, e assim tornar o aluno livre também para praticá-la. Assim, poder ter direito de escolha a que ele se identificar, pois Angola e Regional são as modalidades que na história da cultura afro-brasileira tem muito a contar. Suas diferenças e suas semelhanças, e o porquê de uma divisão da capoeira. No final das contas acredito que todas as modalidades devem ter como prioridade a educação antirracista. Dialogar sobre o racismo e suas inúmeras formas de violência se faz necessária, tida como obrigatória a praticantes da cultura preta.

Assim como a capoeira angola há outras manifestações aonde o embranquecimento é notável. Hoje é quase impossível frequentar uma roda e não reparar quantos brancos e quantos negros estão ali. Posso contar nos dedos quantos negros fazem parte. Raridade é a capoeira angola ter uma formação apenas de mulher negra em sua bateria por exemplo. Tenho a sensação de que a capoeira pode ser tudo, arte, dança, folclore, luta, esporte, mas se for totalmente negra, incomoda. Assim como a religião teve seus elementos descaracterizados como é o caso do candomblé para a umbanda, a capoeira foi pouco a pouco se tornando esporte nacional, ao se tornar a regional.

Ambas as variantes, com as transformações sofridas, tendo sido renegados os elementos negros que inicialmente as caracterizavam, são integradas ao sistema e legitimadas. O estigma, no entanto, não foi completamente eliminado. Uma crescente burocracia, através de federações cujos dirigentes são, em geral, brancos, tenta regulamentar e depurar ainda mais essas variantes. Mas estas, embora modificadas, ainda mantêm em seus praticantes individuais grande parte do caráter popular que lhes deu origem e resistem em encaixar-se nos rígidos moldes que lhes impõe o sistema. (FRIGEIRO, 1989, p.19)

Gostaria de problematizar as questões do início da nossa construção capitalista, visando claro a educação do Brasil. Nossa dita modernidade, foi elaborada pelos grandes intelectuais, emancipacionistas, reformistas e futuros abolicionistas brancos racistas do século XIX. Jamais a população negra foi vista como pessoas capazes para realizar as atividades que o futuro esperava, como a utilização de máquinas das futuras indústrias por exemplo. Não podemos deixar de citar a construção das escolas e universidades e todo o projeto educacional até hoje dando ênfase ao ensinamento da cultura européia. O projeto do negro livre, nunca foi aos olhos do branco reparar os absurdos sofridos por essa população.

De inícios do século passado até meados da década de 1880. o tema do negro livre ocupou um lugar privilegiado nas preocupações reformistas de numerosos autores de memórias oferecidas aos governantes ou simplesmente “compatriotas”, Na forma de projetos detalhados ou modestas sugestões, os livros publicados neste período de previsões do fim da escravidão deixam entrever a ansiedade dos “homens bons” do Brasil em regularizar gradualmente as relações sociais entre brancos e negros, ou entre proprietários e não-proprietários, preparando o país para um futuro de trabalho livre, ordem e progresso. (AZEVEDO, 1987, p.33)

Para o futuro do país de progresso, o maior dos problemas era a imensa população negra, escrava ou liberta existentes, juntamente com os indígenas e caboclos, o que fazer com essa gente? Como construir um Brasil aos moldes da modernidade europeia com essa população vista como subumanos?

“Mesmo os negros livres desta época, eram sujeitos a inúmeras restrições legais, ou simplesmente impregnadas nos costumes de uma sociedade dominada por uma diminuta elite branca. ” (Azevedo, 1987, p.33)

Nossa querida elite branca, governantes do nosso país, se preocupavam com a eliminação da escravidão, mas não com os ex escravizados. Nenhuma medida para introdução dos povos oriundos da África, dos Indígenas e da população miscigenada para ingressar na sociedade como cidadão foi elaborada, pois os mesmos carregavam em sua cor, e seus traços suas origens, e eram tratados com desprezo.

Tendo conhecimento desses fatos é possível formular, uma reflexão para o futuro dessas populações, como a formação dos quilombos, e de uma sociedade para além da sociedade. Isso fica exposto o quanto a população negra lutou contra essas fortes repressões, visto que se nós não fizemos por nós não há a menor possibilidade de se esperar algo dos nossos governantes, e isso se perpetua até os dias atuais.

Inúmeros autores escreveram obras de o que se fazer com a população escrava e liberta no Brasil, esses autores assim como a elite branca tinham um grande medo das revoltas, pois ao contrário do que os livros que aprendemos nas escolas os negros nunca aceitaram sua condição como escravo.

Fiel ao postulado comtiano de que a civilização repele a escravidão, Brandão²² previa o desmoronamento inevitável e /próximo da sociedade brasileira que, a seu ver, compunha-se “de partes tão heterogêneas” que acabava por alimentar “um espírito de classe, degenerando em monstruosa antipatia umas pelas outras” (pp. 51-2). Escrevendo ao tempo do fim da guerra civil americana, ele parecia bastante impressionado com a possibilidade de que um tal conflito viesse a se repetir aqui (pp. 52-3 e 94-5). Não faltavam evidências para isso, principalmente da parte dos escravos, que estavam sempre a se rebelar contra a crueldade com que eram tratados. E mesmo nos casos de bom tratamento, os cativos muitas vezes trocavam a amizade de seus senhores pela rebelião, movidos por “sentimentos de independência”. Na verdade, os negros nunca haviam cessado de lutar pela liberdade no Brasil e em outras partes da América. (AZEVEDO, 1987, p.45)

Para que o Brasil se tornasse uma Europa, era preciso limpar a casa, e como várias tentativas de eliminar o negro, não deram certo, os pensadores da época projetaram uma nova forma de agregar o negro à sociedade que estava por vir. A vida do negro sempre foi de controle do branco, e assim outras maneiras de se manter o negro a disposição dos interesses do branco, foram cada vez mais discutidas em livros e documentos da época. Todos os esquemas para manter a população sob controle, e uma necessidade de produzir uma mão de obra da população livre era estudado e debatido por esses senhores reformistas.

²² *A Escravatura no Brasil Precedida d'um Artigo Sobre Agricultura e Colonisacao no Maranhao* (Bruxelas, Thiry-Van Buggenhoudt, 1865), de autoria do positivista Francisco Antonio Brandao Jr

Embora a maioria da população composta de negros e mestiços fosse considerada de baixo nível mental, isto não se colocava como empecilho para uma futura incorporação à sociedade brasileira, tal como esta era projetada por estes reformadores. Para vários deles, tratava-se simplesmente de tomar ocupados os “desocupados” ou manter ocupados aqueles que se fossem alforriando, de modo a se instituir um controle estrito e cotidiano do Estado sobre suas vidas. Era deste modo que se pretendia combater a vagabundagem.

(AZEVEDO, 1987, p. 47)

Havia planos para os futuros trabalhadores livre, e é óbvio que esses planos não seria a conscientização da burguesia branca, pelos danos causados, moral e psicológica para com a população negra e não branca do país. E a alternativa por muitos citadas era uma nova educação, uma maneira de que os escravos não se rebelassem, atormentando o caos para a população de bem, como os grandes arrastões, roubos e assassinatos. E uma das maneiras era tornar a grande maioria da população em trabalhadores livres, sendo a branquitude seus salvadores. A idéia era um trabalho com mais dignidade, mas sem os castigos corporais, os senhores então, demonstrariam amorosidade.

O “domínio direto” sobre as terras continuaria, porém, a pertencer ao fazendeiro original (p. 10). Assim, o problema da ociosidade do nacional pobre e livre seria solucionado por este esquema de autonomia ilusória, acrescido de uma boa dose de educação moralizadora. Aqui este autor também educação moralizadora. Aqui este autor também se distingue dos reformadores que propunham autor também se distingue dos reformadores que propunham a repressão pura e simples para obrigar os pobres a trabalha para interesses alheios. Em sua opinião, o essencial era acostumar o homem ao trabalho voluntário desde a mais tenra idade, o que poderia ser obtido a partir da criação de escolas especializadas em educação..industrial (p. 19). (AZEVEDO, 1987 p.51. apud. BEAUREPAIRE-ROHAN.)

O que de fato aconteceu na construção educacional sempre foi a exclusão da população, enquanto os ricos iam estudar fora, e retornavam doutores, advogados, engenheiros, grandes profissões da época. A educação oferecida pelo estado, era uma educação para o trabalho simples, pessoas estudavam para servir a burguesia. Com as mudanças de uma capital industrial, era preciso educar o povo aos manuseios de máquinas modernas para suas fábricas. E também a lógica capitalista para o meio rural. Além é claro do ensino religioso para as crianças da época.

A necessidade de um aprendizado morai assinalada por Beaurepaire-Rohan constituiu uma das teclas mais insistentemente repisadas por estes primeiros reformadores emancipacionistas, tendo sido mais tarde retomada pelos abolicionistas. E que de nada adiantaria a coação policial ao trabalho e o controle administrativo das vidas se não ocorresse simultaneamente uma internalização da hierarquia social ou um reconhecimento subjetivo da posição social a ocupar e dos limites das aspirações. Assim, era preciso coagir ex escravos e pobres ao trabalho e manter o seu dia-a-dia sob um controle estatal estrito, sem descuidar de lhes abrir novas perspectivas de vida, o que significava incentivar novas necessidades de consumo e de prazer. (AZEVEDO, 1987, p.52)

O que se esperar de uma educação libertadora? Será que o Estado dará realmente suporte para que a população que desde da invasão e construção desse país jamais se preocupou com o real crescimento e convívio entre negros, indígenas e brancos? A força que o Estado detém sobre o povo é de violência e eliminação dos mesmos. Mas não vejo uma eliminação a ponto somente do matar corpos negros, e sim de escravizar esses corpos pois, é preciso pessoas de cor, para poder servir. Essas pessoas é que moveram a construção desse país e ainda são essas pessoas que vivem na base da miséria, sobrevivendo aos caprichos da elite cultural branca.

A lei 10.639/03 que estabelece o ensino de história e culturas afro-brasileira e africanas no currículo escolar desse país não é favor, cota, não é favor, reparação não é favor. São obrigações, por todas as vidas arrancada das nossas raízes. A capoeira, é uma manifestação que foi criada, inventada para a defesa e o ataque desse sistema opressor. É assim que ela é e deve ser ensinada, com a pureza de seus fundamentos em África. Questionar sempre, pois necessitamos ser independentes, e jamais deixar que nos digam o que, e como fazer determinadas coisas, pois, foi assim que construíram nossa subjetividade, dizendo quem somos para que ou quem servimos. Nossos corpos foram açoitados, homens e mulheres obrigados a fazer o que a estrutura cruel dos povos eurocêntricos bem entendessem.

Para que os senhores se assegurassem do amor, respeito e temor dos escravos para com eles, o padre Ribeiro da Rocha prescrevia o “castigo econômico”, isto e, aquele que tem por objetivo corrigir, em lugar do castigo por “vingança” que, aplicado impensadamente e com raiva, apenas destrói física e espiritualmente o castigado. Por isso ele recomendava, primeiramente, que o senhor verificasse se o escravo era de boa ou má índole. (AZEVEDO, 1987, p.55)

Reflitamos aqui, a que ponto também nossa afetividade é direcionada? Todo o trabalho da branquitude de alguma forma sempre deu certo, afinal, vivemos ainda sob o

comando do Estado racista e cruel, aonde mentem, e nos fazem acreditar de uma maneira bem elaborada que a igualdade de direitos é para todos. Incluindo as formas de trabalho e educação que nos é oferecida nas escolas públicas, que nos ensinam diariamente a excluir.

Formando assim pessoas para convívio social sem determinadas reflexões sobre si mesma e para com a sociedade. A finalidade da Educação é formar corpos para o trabalho, e quanto menor o seu pensar reflexivo maior será a mão de obra barata para o trabalho simples.

Neste caso faço um compartilhamento do que Karl Marx caracteriza o trabalho simples: “ Natureza indiferenciada, ou seja dispêndio da força de trabalho que “todo homem comum, sem educação especial, possui em seu organismo.” O trabalho complexo, ou qualificado, ao contrário, se caracteriza por ser natureza especializada, requerendo capacidades e comportamentos específicos daquele que irá realiza-lo”. (MELO;MARTINS.;SOUZA.;FALLEIRO;NEVES, 2015)

Como podemos perceber ao longo de todo processo educacional, a não relevância dos estudos das relações étnico raciais nos currículos escolares nos leva sempre a um apagamento da história do povo preto que sempre foi contada por brancos. A humanidade contada por toda a história excluiu os povos negros e não brancos pois esses não tinham, capacidades nem para o trabalho simples e nem para o trabalho complexo. Nosso currículo racista é visto na prática contada e recontada. O capitalismo surgiu e não incluiu o negro.

CAPÍTULO II

AFROCENTRICIDADE 23BRANQUITUDE E CAPOEIRA ANGOLA

2.1 AFROCENTRICIDADE E CAPOEIRA ANGOLA

“Se preto de alma branca pra você, é exemplo da dignidade, não nos ajuda só nos faz sofrer, nem resgata nossa identidade.”

Jorge Aragão.

Iê,

Agora que entretém branco, cultura imaterial
Quando era arma de preto, foi pro código penal
Deu prisão e deu Exílio até pena Capital
Se não gosta, recrimina
Quando gostam passam a mão
Por isso eu acredito
Que é uma sinuca de bico, essa valorização

²³ Segundo Schucman (2012) Branquitude seria um constructo ideológico de poder não necessariamente apenas por questões genéticas.

Onde é ruim, isolam os pretos
 Onde é bom preto é exceção
 Se isso não é racismo
 Me dê outra explicação?
 Qual a cor da sua empregada? Qual a cor do seu patrão
 Qual é cor do mocinho, que ta na televisão?
 Qual a cor do encarcerado? Maioria na prisão
 Camará.
 (Maicol William)

Como disse anteriormente, a partir de um evento realizado na Bahia, onde minha expectativa era encontrar as raízes negras da capoeira, corpos negros realizando movimentos, (em alguns momentos sim, vi jogos de mestres antigos) seu canto e toda aquela ideia de ancestralidade, foi pouco a pouco se perdendo. No decorrer das atividades fui percebendo que sim, a branquitude era a maioria nesse evento.

Seria natural, estar na Bahia de todos os santos jogando capoeira, aonde só existiam majoritariamente corpos brancos? Representatividade de uma capoeira negra e toda sua real história, estariam sendo contadas por pessoas que nunca sentiram a necessidade de lutar contra um sistema apenas por terem a cor de pele mais escura?

A falta de sensibilidade para com essa questão engloba a falta de consciência do ser branco e nossa sociedade que sempre mascarou o racismo com a falsa ideologia de um país sem preconceito racial. Dificuldade e desinteresse da branquitude em reconhecer seu papel em manifestações de cultura afro brasileira, mostra-nos um país que ainda tem muito o que aprender sobre as relações étnico raciais, e a história sem romantização de um país marcado pela violência e preconceito que reverbera até os dias atuais. Faço parte de um grupo aonde a maioria de seus componentes são brancos. Neste evento eu e mais uma amiga, começamos a questionar a falta de corpos negros já enfatizando o preço para participar do mesmo.

Obviamente não era um preço para o povo. A comunidade da Ilha o qual o evento era realizado não participava, nas redondezas, bares e afins, e perguntei a um morador local o porquê. A resposta era a seguinte: “ Esse é um evento que o mestre faz todos anos para os alunos de fora.” Eu me senti uma estrangeira, e sim, literalmente não havia baianos da localidade da ilha participando do evento. Neste momento vi que a capoeira angola, tinha se tornado mercadoria consumida pela branquitude, que por inúmeros fatores é a que possui capital cultural para praticá-la. Aqui não questiono o fato de um mestre de capoeira negro, ganhar a vida com a capoeira. Questiono o fato da alienação da nossa própria cultura por não ser reconhecida como algo positivo, e sendo a grande maioria branca ter poder aquisitivo, a

mesma tem acesso a cultura, e podendo compra-la.Sendo assim como reverter esse quadro? Como levar a cultura de preto para preto? Estaria se tornando a capoeira angola racista?

Branco nas culturas afro brasileiras e africanas, não sabem, ou fingem que não sabem que possui uma responsabilidade real ao fazer parte dessas manifestações?

O que para o branco significa fazer parte de um grupo de capoeira angola por exemplo? Ao manifestar esse ocorrido em uma das redes sociais que utilizo, os comentários de pessoas capoeiristas e não capoeiristas brancos, não brancos e negros foram aos poucos tomando uma proporção do real racismo dentro das culturas afro brasileiras. A seguir temos um pouco do que ocorreu sobre a tal publicação:

Comentários: <https://web.facebook.com/susana.targino/posts/1301401996548881>

Roberta Mulher Branca : “Temos que começar a pensar que somos todos iguais, só de estarmos debatendo já é uma mudança...Já conversamos outras vezes sobre isso. Conquiste seu espaço sem Rancor.”

Fernanda Mulher Negra: “Sem rancor? Tenho trinta e três anos e posso te listar todas as humilhações que já passei, todos os absurdos que ouvi sendo mulher e preta. Quantos trabalhos já perdi por ser preta, o que já ouvi sobre meu cabelo, meu nariz, minha boca.

Eu quero agir sem rancor, mas é difícil a vida não foi fácil pra mim como foi pra você.

Conquista meu espaço com luta. Resistência e ai vem branco ocupar meu espaço? Não meu bem chega de fininho e respeita a história.”

Agatha Mulher Branca capoeirista: Nossa pra que isso? Não vi a Roberta aqui falando que não teve privilégios ou que os negros não foram oprimidos e, são. O que pensamos é que somos todos seres humanos independente da cor. Isso deveria ser relevante. Infelizmente muitas pessoas não pensam dessa forma, mas nós deveríamos buscar uma vida justa para todos. E se eu quiser chego chegando no samba, na capoeira, de turbante na cabeça!”

Fernanda Mulher Negra “No dia que passarem pelo que preto passa, aí a gente conversa. Te garanto que a conversa vai ser outra.”

Roberta: "Você acha que não vejo...Que não sinto sua dor...Que não dói o coração a alma quando vejo racismo...Que adianta o oprimido virar opressor!? Sofri muito por não ser mulher padrão na escola, por ser gordinha, ter o cabelo crespo...perdi chance de emprego em loja por não ser padrão... Quero mais amor no mundo...Quero que essa dor acabe não sendo igual aquelas pessoas estranhas, que julgam, que apontam, não vou me igualar a elas, vou sempre

dialogar, conversar, debater, reconhecer meus erros como humano. A escravidão é uma das páginas mais tristes da nossa história. Lamento muito por ter existido. Quanto sangue jorrando até os dias de hoje. Vamos nos unir, resistir com mais amor.”

Ágatha: “Eu sou casada com negro. Eu sei o que ele passa e já passou e, dói muito. Só que eu penso como a Roberta, mais amor no mundo.”

Fernanada: 👍

Rute mulher Negra: Indignação legítima!

Ágatha : “Não acho que isso seja motivo de indignação. Acho que a capoeira é um espaço para todos, principalmente os que se dedicam a essa arte. Pq não tinham negros tocando? Cadê? A galera tem que se impor tb, chega pega a porra do instrumento e toca. E aí de quem tentar tirar”.

Érida Mulher Negra Capoeirista: “Acredito que o movimento feminista que teve na Capoeira empoderou mais mulheres brancas do que pessoas pretas. Concordo com o choque de ver somente brancas na Bateria, não é fácil. Pois temos brancos em todos os lugares e pretos em lugares marcados pelos brancos... Prisões, Favelizados, Trabalhos braçais, pesados e de risco em maioria. Não precisamos de brancos pra preservar nossa cultura, quer chegar, chega. Nosso povo nunca foi de excluir. Mas querer ser protagonista é quase lei. Enfim estamos dormindo com essa roupa no Candomblé, na Capoeira, no Samba etc..”

Tiquinho LopesPo [Susana Targino Moreira](#) gosto muito de voce cara mas discordo do seu pensamento Vem cá, meu grupo tem gente branca pra caralho mais não e pouca não assim como tem gente negra que nem eu. Deixa eu te perguntar, você sobe algum morro do RJ ou de qualquer outro lugar semanalmente pra ensinar, incluir e resgatar negros para capoeira ? Outra se a mensalidade e de branco o que eu e vários outros amigos estamos fazendo no grupo que mais tem branco. (obs: Ele possui bolsa)

Minha mana vai treinando seu berimbau sua cantoria e mostra na prática o que você sabe. E não fica de preconceito com a galera pra, pós com certeza essa galera branca tá ajudando mais o negro do que você e eu e mais um monte de gente. Bje amiga e apareça mais na roda pra tocar com a gente.

Tiquinho Lopes Homem Negro Capoeirista: “sinceramente só digo uma coisa, treinem treinem e treinem pra poder tocar com os brancos e negros que saibam tocar. Pós se tiver tocando ruim do meu lado espero que um branco ou negro que saiba tocar pegue o

instrumento, pq sabe né tocar do lado de quem não treina e acha que toca alguma coisa e foda.

Como diria mestre Ananias: quem não tem gogo não canta e quem não tem amor

Pela Bahia não manda lembrança!!!

Problema dessa discussão e que esta indo pro lado pessoal, ai fica f** de falar algo com gente assim. Espero que seus amigos brancos intendam voce pq se eu foce um deles estaria puto e quem fala que gosta de tocar do lado de quem não sabe tocar e acha que toca, vai ta sendo Hipócrita pra c***

Amor em primeiro lugar sempre.”

Susana Mulher Negra Capoeirista: “Huahuahua trabalhar só o corpo né? Ser pensante pra que? Mais fácil de alienar! Vlw vlw

Maicon Willian Homem Negro Capoeirista: “To aqui só observando como tem capoeira com mentalidade branca e reproduzindo o discurso da branquitude. Eu tenho pra mim que isso não é capoeira, gente. Não é pq uso cocá que posso ser índio. Não é pq faço movimento de capoeira e reproduzo musicas que sou capoeirista. Como diria o poeta "pra cantar samba, se precisa muito mais". Desde que a capoeira a nasceu - e a cultura negra como um todo - é pautada pela resistência à branquitude, por uma afirmação negra diante de uma investida diluidora de identidade por parte dos brancos revestidos de seus privilégios. Se a capoeira é utilizada contra negro, se a capoeira reproduz branquitude - que é contra negro - eu tenho minhas dúvidas se pode ser entendida como cultura negra. Seria uma cultura suicida? Não existe cultura burra. Se ela está a serviço do branco faz mais sentido chamá-la de cultura branca. E se é cultura branca, não é capoeira. Antes de vcs refletirem se entenderam ou não o que disse, pensem um tanto sobre quais referenciais e informações repousam suas colocações. Veja se suas colocações fogem do senso comum. Veja se há como negar o fato de que o senso comum de uma sociedade racista é necessariamente racista. Veja se sua colocação na questão não se aproxima de uma frase dita por um bolsominion. Vamos a algumas:

- mas se preto quiser, basta se esforçar (ah sim imagino que nenhum prego tenha almejado ser presidente da república ou não se esforçou como os brancos)

- a cultura sobrevive graças ao branco (antes de tudo, cultura teve que ser resistência graças ao branco, amigo)

- ah mas foram brancos que isso (vc ainda não entendeu que o sistema racista torna até mais fácil pro branco te ajudar justamente para colocá-los como protagonista em tudo e colocá-los como bonzinho, zumbi e um monte de preto dão a vida pegando espada pela abolição e quem é que tentam colocar como o grande nome? Princesa Isabel)

- gente branca ajudando...(ou seria assumindo responsabilidade? Ou seria pagando o preço barato do seu privilégio?)
- conheço muito branco que...(ah tá... brancos tem problemas mas não tem problema por causa de cor, nos temos todos os problemas que brancos tem em escala maior por conta do racismo e mais alguns que eles nem sonham ter. E isso gera vantagens que precisamos discutir)
- somos todos iguais (sério? Já pegou alguma estatística de salário, educação, mortes, etc? Se somos todos iguais, pq os pretos se fodem mais?)
- não fiquemos de preconceito reverso (amigos, se a gente não apontar vcs, vcs não se apontam; se deixarmos na mão de vcs, não anda. Pq um dos privilégios do racismo é que branco sem consciência não representa nenhum mal pra ele, é até bom; negro precisa disso por uma questão de sobrevivência e ainda acaba precisando conscientizar o branco tb/ o racismo é tão escroto que até pra ter consciência o branco precisa do negro/ ql o histórico de sucesso do branco na luta contra o racismo? Bem pelo contrário!!)

Rafaela mulher Branca: “Não entendi pq pessoas brancas não podem fazer capoeira.”

Tati mulher negra capoeirista: “Pelo amor da Deusa!! onde que eu estava que não vi este post? Amigos brancos, precisam saber a hora de ficarem quietos, calados, ouvir , ler e não querer indagar tudo, qnt mais qnd vcs estão do lado dos opressores, o sistema é racista e opressor em todos os seus aspectos! dar a mão e se unir não é deslegitimar o pensamento de um povo. reconhecer privilégios sim e tentar entender o pq de toda aquela indignação. já ouviram falar de "apropriação cultural", racismo inverso, "solidão da mulher negra", "feminismo negro" ? pois bem lá vcs podem responder todas a estas perguntas e questões q estão em suas cabeças. O facebook é uma rede de amigos então faz parte q em determinado momento um amigo poste algo q outros não sabem, ou não vivenciam, ou acham que sabem. Pois bem, precisamos de pessoas que postem essas coisas, precisamos de pessoas que sobem em favelas , precisamos das pessoas que escrevem sobre esses artigos! precisamos de pessoas pretas no poder!!”

Pablo Homem Branco: “Recomendo checar o que o grande B.B. King disse a respeito dos Rolling Stones, brancos privilegiados de classe média que fizeram muito mais fortuna que seus professores. Ao invés de gritar "apropriação", B.B. expressou gratidão porque, no fim, os Stones indiretamente bombaram a carreira dele, pois sempre prestaram reverência e respeito”

Maicon Willian: “Essa é a proposta dos brancos, que eles se utilizem das vantagens do racismo, usam nossa cultura para ter ainda mais recursos e prestígio social, enquanto nós

somos homenageado só em memória. Tipo Pastinha e Bimba morrendo à míngua. A questão é que a cultura negra é valorizada e o negro sequer é respeitado. Não há interesse que mudem a questão racial pq é nela que repousa a vantagem de inserção deles. Todavia, é contra isso mesmo que a gente luta. Contra essa contradição de valorizar o que produzimos enquanto pisam na gente. Nada diferente de quem escravizou enquanto viveu da produção material de nossos braços. A única diferença é que eles gostam de bens materiais e vcs de bens culturais. Mas a exploração é a mesma.”

Gabriella Mulher Branca Capoeirista: “Um fato pra mim é que esse assunto tem que ser levado a sério. Muitas dúvidas e tristezas me perpassam em diversos momentos. Dói se ver ao lado da luta e não dentro. Mas isso não é nada comparado a ser obrigado a estar do lado de dentro da luta, acredito, para sobreviver. Que é o caso de quem nasceu com a cor negra. Sobreviver que eu digo significa fazer o que te define enquanto negro e não ser engolido. Apropriação cultural existe, sim. Eu branca já fiz isso, tive dreads e achei que estava dentro da causa fazendo isso. Mas não, a gente sente o olhar, a crítica, mas não tem comparação. Só podemos estar ao lado e de mãos dadas, apoio e respeito. Nunca seremos capazes de lutar por ninguém. Nunca falaremos por outra pessoa, e quando tentarmos fazer isso estaremos silenciando o outro. É um processo bastante confuso e delicado. Entender o que o branco pode fazer na capoeira sem ser um pouco de sinhô. Mas eu penso que "quem chega em terra alheia, tem que pisar no chão devagar " respeito, só com muito respeito se chega em algum lugar. É o que eu penso hj, dentro das minhas limitações.”

Segundo Shucman, (2012, p. 13)

“Uma das contribuições que um branco pode fazer pela e para a luta antirracista é denunciar os privilégios simbólicos e materiais que estão postos nessa identidade. ”Nos espaços de capoeira angola vejo que mais uma vez o sistema capitalista impõe suas regras tornando a cultura afro brasileira e africana mercado, e vendendo-a, não que isso seja algo ruim, pois mestres da cultura popular sobrevivem da sua arte, porém o preço a se pagar torna-se muito alto. Tanto no valor capitalista quanto no simbólico.

Vejo o acesso negado a quem realmente necessita de cultura. A educação sempre foi privilégio da classe burguesa esta questão é histórica e estrutural, sendo a educação limitada e dificultada para o povo trabalhador. Uma das grandes dificuldades que eu vejo hoje em dia fazendo parte de um grupo de capoeira angola, com toda a questão racial, é a dificuldade de se

falar sobre racismo, visto que parece que a capoeira se tornou tão branca, que o negro é coadjuvante em sua própria cultura. Quando questionados o porquê da ausência de negros nesses espaços, logo a primeira pergunta é: Mas branco não pode fazer capoeira? Qual meu papel na capoeira? O que dificulta o diálogo é a falta de interesse da branquitude sair da sua zona de conforto e sempre querer as coisas mastigadas. Se tratarmos de uma forma profunda nos grupos de capoeira angola o tema racismo, é tabu. Visto que as inúmeras formas de racismo presente em contramestres brancos e também negros, pois, nossa estrutura foi para condicionarmos uma “igualdade” racial, nos mostra uma grande ignorância do que é racismo. Não é porque eu faço capoeira que eu não sou racista, não é porque eu sou casado/a com um negro/a que eu não sou racista, não é porque meu avô é/era negro que eu não sou racista, o mais do mesmo nas falácias da branquitude é uma prova do quão longe estamos de um entendimento do que é ser racista no Brasil.

Cheikh Anta Diop afirmava, com todo rigor, que “raça” é uma construção fenotípica e sociocultural, não uma condição biomolecular. Ele dizia com frequência que é possível um sueco e um banto sul-africano serem geneticamente mais próximos entre si do que cada um deles a outras pessoas de sua própria raça. (...) Diop dizia também com referência à África do sul de 1980, que os brancos costumam negar a realidade das raças ao mesmo tempo que tentam destruir uma raça. (FINCH III, 2009, p.7)

O conceito de afrocentricidade nos leva a pensar uma desconstrução de uma cultura que sempre impôs sua forma de agir no mundo, como a cultura branca. Aqui não estamos impondo uma cultura negra, e sim enfatizando o quão é importante afrocentrar o Brasil no sentido de mostrar que a população brasileira é formada por descendente de negros vindos da África forçados a trabalhar sendo sujeitos a mais alta exploração e crueldade que já se viu em toda humanidade. Assim instituído o racismo na sua colonização. É reaver um processo de que não somos formados apenas por uma cultura. É entender que existem outras identidades.

No Brasil, o que foi construído no pensamento da população é, que ser diferente é algo negativo, como se a diversidade não existisse. Um povo sem conhecimento de sua origem, torna-se alienado, e alvo fácil de ações e manipulações para a manutenção do poder. E a manutenção do racismo, é sinônimo de poder. Ao contrário da cultura eurocentrada, o pensamento afrocêntrico, “procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. Assim ser negro é estar contra todas as formas de opressão.” (ASANTE, 1980, p .3)

As opressões sofridas pelo povo negro, ao contrário do que muitas das nossas histórias pregam, não foram submissas, pelo contrário. O povo negro não aceitava as condições subalternas e se rebelavam contra seus senhores. Ao chegarem no Brasil, o negro trazia consigo suas origens, sua cultura e tentavam de todas as maneiras cultuar seus antepassados, sua raiz em África. Mas para a branquitude, sua origem era algo demoníaco, visto que a religião católica, era e ainda é um guia e justificativa para todas as crueldades praticadas. O que é certo para o branco, nem sempre é o certo para o negro, japonês, chinês, mas a branquitude enquanto pensadora do poder e dominação enxerga-se como a única fonte da verdade.

É sabido que o povo da África, ao chegar ao Brasil, imediatamente se rebelou contra os colonizadores, deles escapando de várias maneiras: adentrando-se pelas matas virgens, reconstituindo os seus modos de vida em grupos comunitários contra colonizadores, formando comunidades em parceria com os povos nativos, em determinados casos organizados como nômades, outras vezes ocupando um território fixo.

(SANTOS, 2015, p.48)

De acordo com Santos, podemos perceber que os povos nativos e os africanos se uniram contra a repressão e violência para se organizarem entre si. Já aqui desmistificando a teoria de que nosso povo, por mais que tenham sofrido as mais cruéis violências, lutavam para manter suas origens. Assim, não aceitando a violência civilizatória do povo branco. A teoria da afrocentricidade visa uma nova forma de construção em sociedade, onde se busca uma maneira de interagir perante as diferenças e respeitar todas as formas de manifestações culturais. É claro que para chegarmos efetivamente a realizar a prática desta teoria, é preciso mudanças principalmente na educação brasileira, em uma nova perspectiva de cultura outra, e sempre com a luta antirracista.

Um primeiro e básico postulado da afrocentricidade é a pluralidade. Ela não se arroga, como fez o eurocentrismo, à condição de forma exclusiva de pensar, imposta de forma obrigatória sobre todas as experiências e todos os *epistemes*. Ao enfatizar a primazia do lugar, a teoria afrocêntrica admite e exalta a possibilidade do diálogo entre conhecimentos construídos com base em diversas perspectivas, em boa fé e com respeito mútuo, sem pretensão à hegemonia. (NASCIMENTO, 2009 p.30)

É a partir deste conceito que a capoeira Angola pode ser uma prática na luta contra o racismo, explicitando os movimentos, seus fundamentos e sua coletividade e, sempre abordando o porquê a capoeira é uma luta do povo negro em busca de libertação, e que essa

luta se faz presente até hoje, e por esse motivo é tão importante enfatizar a sua origem e sua história. Afrocentrar nossas crianças é ter uma esperança em que possa ser construído um futuro com menos desigualdades, principalmente no que diz respeito ao psicológico da nova geração de negros, negras e não brancos deste país; miscigenado a partir da violência, e não porque existia paz entre as raças como nos foi ensinado.

É necessário se fazer presente o quanto a cultura negra era proibida, e que hoje é utilizada de forma muitas das vezes equivocada, eu diria que propositalmente esquecida para que pudessem usufruí-la sem consciência racial. Apenas como prazer e capital cultural para brancos e brancas realizarem a atividade sem responsabilidade. O que para você é apenas um lazer, para o meu povo é resistência, sobrevivência aos horrores que mexem com nosso psicológico, a dor ainda é presente e, representado nas favelas, são corpos negros que em 2018, independentemente da idade que são enterrados todos os dias no Brasil. Vamos relembrar aqui, o aspecto da capoeira na época em que a mesma se encontrava do código penal brasileiro.

Segundo Santos, nos remete a um exemplo bastante ilustrativo sobre a perseguição aos Quilombos.

Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras do Código Penal da República, instituído pelo decreto de N° 847 de 11 de outubro de 1890, que proibiu e criminalizou a prática da capoeira, ainda na fase de implantação da república, durante o governo provisório, antes mesmo da promulgação da primeira constituição republicana e apenas dois anos após a abolição da escravatura. Destaca-se que era considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta, prevendo pena em dobro caso fosse chefe ou cabeça do grupo, além de deportação após cumprimento da pena, caso fosse estrangeiro (leia-se africano). (SANTOS, 2015, p.49)

A capoeira Angola fruto de uma resistência contra a opressão branca, não pode se perder em meio a época atual que vivemos, digo do meu presente, que mesmo ainda com tantas covardias, vejo mudanças significativas na luta antirracista. Não sou adepta do “nada mudou, ” as coisas mudaram, negros e negras estão reivindicando seus direitos. Uma lei já está em vigor desde 2003. É obvio que não será do dia para a noite que todo um sistema formado pela opressão dos homens brancos para com negros e indígenas serão sanados. Mas mudanças em muitos aspectos comportamentais e sociais estão em processos de uma vida em sociedade menos racista.

Fomos construídos para excluirmos determinadas pessoas que não se adequavam a branquitude, todos sofremos com essa negação de não estarmos dentro dos padrões. Mas que padrão é esse onde temos que ser iguais? Obedecer a forma que nos foi exigida? Ser branco

significa poder do eu mando e você obedece, e dentro dos grupos de capoeira angola vejo este poder sendo exercido por exemplo, em títulos como Treinel, Professor, Contramestres e Mestres e me pergunto: Aonde vai parar nossa representatividade enquanto corpo negro, se a cultura e seus respectivos representantes forem apenas brancos? E digo mais, as tradições por elas deixadas permanecerão ou serão banalizadas e como serão cultuadas na nossa sociedade?

Se hoje posso ter o meu lugar de fala dentro do movimento da capoeira angola, é um sinal positivo de que mudanças estão acontecendo, mesmo que muito lentamente. Como mulher, negra praticante de uma cultura extremamente masculina, ter qualquer tipo de protagonismo é um fato a se comemorar, as lutas contra as opressões devem ser diariamente questionadas e discutidas. Sabemos que a violência sempre foi a arma da branquitude para a dominação, e ela se perpetua, mas ainda não sabemos como evitar essas violências de fato. Temos propostas, mas nossas armas estão de longe a serem aquelas do extermínio.

No Brasil há distinções e dificuldades de reconhecimento racial, por parte da miscigenação. Ser branco no Brasil, não significa a mesma coisa do que ser branco nos EUA, ou na África do sul. Há inúmeras maneiras de classificação do ser branco na sociedade. E isso não significa apenas os fenótipos, geneticamente falando. A sua classe, e o seu status na sociedade também são ditados em relação a raça branca.

2.2 A BRANQUITUDE EM QUESTÃO

Ser branco significa poder. Estar acima de qualquer coisa. É não ser questionado em nada, é praticar violências e não ser punido por isso. Ser branco é ser superior. E para ser superior, é preciso existir um inferior. A construção e a falsa paz entre as raças com o intuito de não induzir uma guerra com os negros, faz pensar que toda essa construção de que no Brasil não há preconceito de raça nos leva a grande dificuldade de entender e acima de tudo aceitar que somos um país racista e que a mestiçagem nada mais é que um controle da branquitude para limpar nosso estado, que segundo os abolicionistas da época a população negra liberta não sofriam com as mazelas deixadas pela escravidão pois se relacionavam entre si .

Da mesma forma como a questão da liberdade, prosperidade e utilidade são indissociáveis quando se trata da construção do Estado brasileiro como nação liberal, a questão da emancipação soma-se à da inferioridade dos negros quando se trata do desenvolvimento e do aperfeiçoamento dos cidadãos brasileiros. (SANTOS, 2002, p.81)

Historicamente nossa sociedade foi construída a base da violência, e não digo apenas a violência física, como os maus tratos, e as mortes dos negros e índios. A violência psicológica que todos sofremos reverbera até hoje como a manutenção de poder da branquitude, que sempre são reconhecidas como superior e a do ser negro, que por terem tido todo esse tratamento almejam serem branco também. E viam uma possibilidade de menos sofrimento e de ascensão na vida ao se parecerem com os brancos. Ser diferente, é ser doente segundo a lógica racista.

A preocupação com o futuro do país, com um progresso que seria bem-vindo, colocava em destaque as teses racistas de então, que, com todo vigor, tomavam as falas dos parlamentares e intelectuais brasileiros. Eles passavam a encarar o negro como signo de atraso do país e a considerar a imigração como única saída honrosa. (SANTOS, 2002, p.83)

Como nos mostra Santos, “De todos os polos surgem novas revoltas afrontando a polícia que, por falta de pessoal, não podiam conter as fugas, os assassinatos e a própria circulação de escravos fugitivos ao redor das fazendas. ” (2002, p.122). Para a construção social aceita e “pura” do Brasil era necessário um novo povoamento e ele, é branco. Sendo assim, o povo negro era esquecido e abandonado nas ruas do país, pós sua “libertação. ” O ser branco em nossa sociedade é visto como status social positivo, com inúmeros privilégios apenas pelo fato de ser branco, o que dificulta o diálogo de aceitação da branquitude pois, o branco brasileiro não nega por total sua negritude. Principalmente no que diz respeito aos espaços de cultura negra. Como afirma Cardoso, (2014) “Eu sou branca, porém minha bunda é de negra! ” “No exemplo, a herança negra biológica é reivindicada para atribuir superioridade estética a branca brasileira” Sendo assim como a cultura eurocêntrica sempre é de se sentir superior ao outro, a branca brasileira se mostra neste patamar.

O branco brasileiro se diferencia sobre outros brancos, como parte de uma cultura negra a positivando. Será que a cultura negra só é positivada se um corpo branco a ocupar? A branquitude no seu ideal narcísico atribui sua brancura as culturas de matrizes afro brasileira e africanas sem a menor consciência e ainda justificando que não há racismo na famosa frase “ somos todos iguais. ” Gostaria de saber se na hora que a polícia o aborda, ter traços negros

seria motivo de orgulho, pois brancos adoram ser negros apenas na hora boa. Como as passistas de escolas de samba no carnaval, ou dançar maracatu em grupos da zona sul do rio de janeiro, por puro prazer de estar em um lugar de destaque, que tal participar sem ser protagonista?

Por que falar de branquitude incomoda tanto os brancos? Principalmente quando há a questão do poder, brancos possuem a cultura do não reconhecer seu lugar de privilégio. É onde poder chegar em qualquer lugar e não ser questionado, é poder modificar a cultura alheia sem ser cobrado por isso. É dizer o que é certo ou errado, mesmo estando em uma cultura que não é a sua.

A branquitude é atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e um exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente. A branquitude mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato do nariz e tipo de cabelo. Complexa porque ser mais ou menos branco não depende simplesmente da genética, mas do estatuto social. Brancos brasileiros são nas relações sócias cotidianas: é na prática – que conta que são brancos. A branquitude é um ideal estético herdado do passado e faz parte do teatro de fantasias da cultura de entretenimento. (SOVIK, 2009 p.50)

É entristecedor ouvir de pessoas que aparentam algum grau de informação realizar tais afirmações, sendo elas negras e com um papel importante na cultura como alguns músicos e atores influentes da mídia brasileira. Mas qual seria o caminho para a consciência do brasileiro em enxergar que as diferenças são positivas? E que o padrão estético foi fruto de racismo e muita violência aonde o que se é de fato aceito e visto como belo é o branco europeu/estadunidense.

Quando afirmo em dizer padrão estético, me refiro a todo embranquecimento que a cultura negra sofre ao se distanciar das raízes aos quais foram formadas, levando-a a um conceito outro, infantilizando, tornando-se folclore, para assim poder agradar a branquitude, que faz da cultura alheia o que lhe é conveniente. Numa ideia de Cardoso (2014), quando faz algumas observações sobre brancos que usufruem da cultura negra o autor salienta que tais artistas como Daniela Mercury, que são reinventores da cultura negra contemporânea e nos faz um questionamento: A cultura negra embranquece? Ou deixa de ser negra com a inserção do branco?

O mesmo questionamento faço para o mundo da capoeira: Se a capoeira que veio como forma de resistência, e luta de um povo oprimido, hoje tem sua representatividade em meio a corpos brancos, adaptando-se para os estrangeiros poderem praticar, mulheres brancas “princesas” poderem entrar numa roda sem se machucar., por exemplo. Afinal a capoeira

angola deixou de ser cultura negra de resistência para cultuar o amor entre as raças e assim, a violência ser esquecida?

A descrição do negro como lascivo, libidinoso, violento, beberrão, imoral ganha as páginas dos jornais compondo a imagem de alguém em que não se pode confiar. Condenavam o samba e a capoeira como práticas selvagens e que terminavam em desordem e violência. Acusavam os negros por praticarem bruxarias, por não possuírem espírito familiar sendo as mulheres sensuais e infiéis e os maridos violentos, retratos da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro. (SANTOS, 2002 p.131).

Como podemos perceber na fala de Santos, a origem da cultura negra sempre foi de resistência a cultura branca, o qual abominavam qualquer prática que não fosse de origem eurocêntrica, sendo de perseguição violenta. Hoje em dia a maioria de corpos brancos ocupando esses espaços e as modificando, seria a nova forma de colonização da cultura afro brasileira e africana? Esqueceram toda a luta e dor que nossos ancestrais passaram para que hoje possamos praticar e entender o real motivo da existência dessas manifestações.

Retirar mais uma vez a cultura do seu povo, e colocar uma cultura outra, é a mesma metodologia branca quinhentista que, na realidade atual em pleno século XXI, a cultura afro brasileira e africana, é vista como negativo, para povos negros que foram condicionados a rejeitar sua própria religião, danças, músicas, culinária e afins. “Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa.” (BENTO, 2002 p.3)

A conscientização dos seus privilégios em sociedade está longe de ser algo alcançado, o ser branco ainda é pouco estudado academicamente, visto que a negritude tem vasta bibliografia a ser consultada. Reconhecer-se branco na sociedade brasileira seria também justo reconhecer o seu lugar privilegiado, porém não é isso que acontece em sua grande maioria. Somos uma população miscigenada, e isso dificulta o diálogo com a estrutura que sempre esteve acostumada a ditar as regras do jogo.

O foco restrito no negro-tema invisibiliza o branco-tema, ou seja, os estudos sobre a branquitude. Logo, o pequeno número de trabalhos sobre a identidade branca, podemos entendê-los, como fruto do próprio modo de pensar dos teóricos brancos e negros e de outras pertencas étnico-raciais. As teorias raciais são a invisibilização do branco-tema. Porém, já existem sinais de mudança, mesmo que tímida, com a emergência dos estudos relativos à branquitude, assim, o branco passa a ser pesquisado assim como sempre investigaram o negro. (LOURENÇO, 2014, p.70)

Os estudos sobre branquitude nos leva a reflexão para aqueles que sempre foram sujeitos e hoje assim como os negros, são objetos de estudos. Brancos precisam ser estudados, e reconhecidos como causadores da grande desigualdade existente não apenas no Brasil, mas mundialmente. Se branco tivesse consciência do que é ser branco, acredito que ficariam com vergonha de tal intitulação. Ao contrário do que pregam, se responsabilizar pelos danos físicos, psíquicos e estrutural da nossa sociedade, não é favor, é obrigação.

No início do texto mencionei um fator muito importante para o convívio em grupo, características das culturas de matrizes africanas, logo o afeto nos afeta. Quando se está envolvido em prol de uma mesma finalidade, que no meu caso é a capoeira angola, as dificuldades e os atos racistas dentro do grupo são muito dolorosas. Permanecer convivendo com pessoas que praticam a mesma arte de cunho negro e não, necessariamente essas mesmas pessoas se interessam pela luta antirracista.

Os próprios mestres em meio a branquitude, por viés de sobrevivência acabam esquecendo, e não dando importância para algo que é fundamental: falar sobre racismo. Ou porque são frutos também da negação da mesma, e assim não obtendo recursos para abordar o tema, dificultando cada vez mais a luta antirracista entre seus próprios alunos. Em meio as culturas afro brasileiras e africanas ser branco tornou-se sinônimo de xingamento. Falar e expor desconforto sobre a falta de sensibilidade com o tema, torna a convivência estressante. O que tenho percebido é que tudo é mais importante do que falar da origem das culturas negras.

No Brasil, particularmente, a prática social do branco está permeada por discursos de afeto, que aparentemente religam setores sociais desiguais, mas a hierarquia racial continua vigente e, em um conflito eventual, ela reaparece, enfraquecendo a posição de pessoas negras. O valor da branquitude se realiza na hierarquia e na desvalorização do ser negro, mesmo quando “raça” não é mencionada. (SOVIK, 2009, p.50)

Ter cada vez mais consciência racial significa entrar em combate todos os dias consigo mesma, e com os brancos ao nosso redor. Praticar cultura negra efetivamente com hierarquias brancas dentro do universo da capoeira angola, me incomoda, me entristece principalmente se esses dizem não ser importante a questão de raça. Mais pelo fato de saber que essas mesmas pessoas não buscam ter consciência e responsabilidade na questão da raça. O poder no mundo da capoeira que seriam as graduações, os ditos “mais velhos” de capoeira dentro desses

grupos, faz com que a invisibilidade dos poucos negros que ainda resistem ao racismo dentro desses espaços seja maior.

Menciono o racismo institucional, aonde novas pessoas que seriam graduadas perpetuam a branquitude, mesmo se a pessoa negra tem o tempo, dedicação da mesma maneira que a pessoa branca. A negra continua invisibilizada. Minha cultura, é negada por brancos que a praticam, os mesmos que detém o dito poder. Questiono aqui, o que fazer com essas hierarquias? que apesar do racismo, há afetividade. E digo como minha experiência, que desistir delas, não seria desistir da luta antirracista? Acredito que através da educação é que a luta por desigualdades possa ser combatida, mas para isso também acredito em uma outra forma de educação, pois “ foi a estrutura organizacional da escola que criou esse cidadão perdido e sem noção que nós temos. ”

(Mosé, sobre educação vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=r52E7w4GZGk>).

A estrutura educacional do nosso país sempre foi aos moldes europeus, nossas creches, escolas e universidades aderem até os dias atuais modelos hegemônicos de educação, então como cobrar uma mudança imediata no ser humano, se a fonte do nosso saber ainda está tão arraigada nos conceitos brancos?

Não tenho pretensão de mudar nossa educação apenas com essa dissertação de mestrado, mesmo porque o acesso a este molde o qual vos escrevo também é privilégio, e se é privilégio, significa que poucos terão acesso. O que acredito é em uma educação mais prática, que a partir dela, nossas teorias sejam mais amplas, e coloco aqui a importância sim, de uma escrita aonde todos possam ser capazes de entender, pois escrever também é poder.

Algumas teorias sobre o estudo da branquitude são abordadas neste trabalho, citando alguns autores que deram base para fundamentar tais dúvidas e conseqüentemente obter algumas respostas. Lourenço Cardoso, Lia Schucman, Liv Sovik, e o clássico escrito por Frantz Fanon: o *Pele Negra Máscaras Brancas*, são alguns autores que pesquisaram de fato o ser branco e sua formação na dominação da sociedade., e em suas pesquisas pude entender alguns aspectos e a lógica normativa que esse tema em relação aos estudos negros por exemplo, são desproporcionais. Aqui, o sujeito, troca de posição, torna-se objeto de estudo.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. (Fanon, 2008, p.34)

Na citação de Fanon, que foi escrita em seu original em 1952, vimos uma realidade até os dias atuais sobre o que é ser um negro capaz para a branquitude. Ter respeito e ser valorizado é chegar aos moldes embranquecidos. No que diz respeito a linguagem, você será reconhecido se mais comparado ao ser branco. O branco em questão é sempre relacionado a poder. Não estou aqui apontando o dedo para indivíduos como muitos gostam de retrucar, e consequentemente ofender-se com tais colocações.

Estou aqui para mostrar o que é a estrutura formada sim, por indivíduos brancos e o que isto nos afeta ao repararmos nos dias atuais, essas consequências para a população negra, incluindo o nosso psicológico tão afetado. Nas ruas ao passar pela população miserável, sem perspectiva de vida, vejo a loucura em seus olhos, em seus gestos. Me pergunto o quanto a opressão e a escravidão nos afetaram e nos afeta e o que realmente podemos fazer para reparar tal desumanidade com essa população.

Sou uma mulher negra privilegiada por ter tido a oportunidade de ter acesso ao conhecimento crítico, e com ele formular minhas inquietações, mas também reconheço que esse conhecimento não veio somente dos intelectuais que li na faculdade, e sim de uma prática no dia a dia, minhas maiores reflexões foram em debates não acadêmicos, longe de um molde embranquecido, cuja minha formação também é envenenada, logo opressora. E com essa pesquisa tenho uma perspectiva, como diz Fanon, 2008, p.47, “ O importante não é educa-los mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos. ” Sinto uma necessidade de que os negros e negras tenham seus próprios espaços, sejam eles de discussão, lazer, trabalhos e estudos. Um reconhecimento de si mesmo e de sua história, recontada e positivada, diferente daquela que aprendemos desde pequeno nas escolas classista e racistas da nossa sociedade.

Falando das mudanças do ritual e da essência da capoeira, e seu embranquecimento, podemos citar algumas modificações assim, como a questão da nova sociedade capitalista. Transformar a capoeira em algo que não represente uma manifestação dos povos negros. E sim, uma descentralização tornando-a esporte nacional, ou a arte marcial brasileira, apagando as duras perseguições que sofreu na época da escravidão.

Visando um estereótipo no que diz respeito a nossa educação como seres humanos, a humanidade só é vista como tal, se ela for branca. Isso nos remete pensar o quanto a religião condutora da vida de muitas pessoas nos aliena e nos faz pensar sobre nosso papel na terra. Citarei aqui a religião que oprime, desde a invasão do Brasil, colocando-a como exemplo de humanidade e dignidade, a católica apostólica romana. Ou seja, ser humano é fruto do

conceito que a branquitude idealizou, e ser negro, é tudo o que é desumano, não divino, um erro.

As descobertas no século XV colocaram em dúvida o conceito de humanidade até então conhecido nos limites da civilização ocidental. Que são esses recém-descobertos (ameríndios, negros, melaninésios, etc)? São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus? Até o fim do século XVII, a explicação dos “outros” passa pela teologia, e pela escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação. (MUNANGA, 2004, p.17)

Como humanizar quem sempre foi taxado de não humano e tais práticas violentas serem justificadas em nome do senhor? Essas práticas de inferiorização do ser negro são estabelecidas e fortalecidas hoje no século XXI. Foi através da desumanização do ser negro que a branquitude e seu legado econômico mantém seus privilégios, sem sequer ter o reconhecimento de uma dívida que ao meu ver, só será quitada se nos unirmos na luta contra o racismo, devolvendo não só o que economicamente foi conquistado com toda essa violência, mas que nossa autoestima e nossa capacidade seja reconquistada, e trabalhada para nos valorizarmos mais e mais. A humanidade não é aquela dita pelos brancos. Pois ninguém tem esse poder de dizer o que é e o que não é, principalmente uma humanidade aos moldes exterminador como é a humanidade branca.

Essa visão teológica foi chamada de monogenista predominando até meados do século XIX, com o pressuposto fundamental de que a espécie humana era apenas uma e, portanto, havia apenas uma humanidade. Segundo o monogenismo, os homens tinham uma única origem, sendo as diferenças humanas consideradas uma maior ou menor perfeição do Éden. (SHUCMAN, p.31, 2012)

A famosa frase “somos todos humanos” se refere a que tipo de humanidade? Reparem que quando estamos na rua, e vemos pessoas negras em estado deplorável em sua maioria, naturalizamos aquelas vidas como se fosse normal, pois construímos em nosso imaginário o ser negro como inferior, mas se houvesse uma criança branca de olhos claros e feições finas, características da branquitude, o seu afeto iria ser diferente? Você naturalizaria? No mínimo, iria questionar com seus amigos e amigas, o porquê de uma criança está em tamanha desumanização.

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da

raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor. (BURNS apud FANON, 2008, p.110)

Quando falo de brancos e os mesmos se incomodam, fico me perguntando, a crise que , adquirem por estarem pela primeira vez na história sendo racializados. Os negros sempre foram estereotipados por serem negros como “ você é negro, é forte”, “você é negra e não sabe sambar? ” “Mas as negras são boas de cama”. Toda hora somos reduzidos a cor da nossa pele, e isso quem inventou? Sem falar das inúmeras piadas o quais crescemos ouvindo: “É preta, já nasceu errada, ” “preto quando não faz na entrada faz na saída”. A história coletiva da cultura branca é simplesmente vergonhosa, enquanto o preto está roubando o celular, o branco está roubando merenda escolar, para ir assistir a copa do mundo, por exemplo. Ou atacando as crianças da síria, deve ser realmente difícil assumir o horror de ser pertencente de uma cultura que usa a coletividade para roubar, matar e adoecer. E desmistificar a falsa imagem que a cultura eurocêntrica inventou sobre si. Mas isso, a branquitude já está tentando reparar, mas como seria esse reparo? Vejamos: Há uma moda nos cabelos cacheados, na utilização de trajés africanos, como os turbantes, indo treinar capoeira, jongo, cultuando orixás, etc. Mas o que você move para acabar com o genocídio do povo preto? A escola que seus filhos estudam há professores negros? Vocês exigem? Exigem que a mesma tenha história da África e dos afro brasileiros no currículo? A luta antirracista não é um desfile de carnaval, aonde a branca está ali apenas por ser destaque no carro alegórico.

Enquanto eu perceber que branco utilizador da cultura preta o faz apenas para se promover e seja o mínimo que for, eu vou continuar a racializar a cor branca, porque bancos, vocês não sabem o valor que o preto tem.

A ideologia da branquitude não só faz as pessoas acreditarem que os brancos são superiores como também os instrumentaliza para não refletir sobre as questões raciais que os cerca, fazendo-os terem sempre uma resposta pronta, supostamente, científica. E isso não é exclusividade dos que se declaram brancos ou pardos. Muitos negros estão sujeitos a estes posicionamentos por acreditarem que o ideal branco é um único mundo possível e que não precisam de ajuda para ingressar nele. (PAULA, 2009, p. 39)

Não é, e nunca foi interesse do branco em agregar o negro para melhorar suas condições em sociedade. Para o branco o mais humano, era não enxergar a humanidade do ser negro, pois assim se isentaria da culpa de torturar e assassinar, mantendo seus privilégios. Incluindo sua sanidade mental, se é que se pode chamar de sanidade um povo, que escraviza da forma como só a branquitude sabe fazer. Pois é um horror uma incivilidade. Para o negro recuperar tal dignidade e sua autoestima é ainda um processo que pouco a pouco está sendo recuperado. A aceitação dos seus fenótipos, do seu cabelo e da sua cor, é cada vez mais positiva. Mas a supremacia branca ainda é muito forte no nosso país. Não apenas o corpo negro é subjugado, mas sua cultura, seus costumes e rituais, todos vistos pela branquitude como algo a ser excluído.

2.2 APROPRIAÇÃO CULTURAL E CAPOEIRA ANGOLA

*A cultura negra é popular, pessoas negras não são”
B. Easy*

Mas afinal o que é apropriação cultural? Sabendo-se que a apropriação cultural é uma manifestação da braquitude não se trata aqui de proibir o acesso de pessoas brancas a cultura negra, ou vice-versa, pois negros e brancos podem dormir em redes e comer mandioca que são elementos de culturas indígenas, assim como não há nenhuma contradição em indígenas usarem celular e dirigirem carros. O problema da capoeira é que ela perde seu sentido de existir. Nós negros existimos a partir de um significado do branco colonizador, nossa existência é fruto da negação. Precisamos dar um salto, e nosso existir enquanto humano, deve estar além da humanidade branca, pois o ser negro era visto como não humano, como já mencionado neste texto.

Em todos os momentos da prática da capoeira, e principalmente em apresentações e discussões, a mesma deve ser usada para a luta da consciência dos povos negros, da luta antirracista, da valorização da mulher negra na capoeira, etc. Mas e quando essa luta é representada apenas por mulheres e homens brancos? E se uma mulher negra não argumenta, a branquitude irá questionar tal feito como representante da cultura negra? Uma roda para falar dessas questões, é algo muito positivo; porém a representação não é a que condiz com o movimento em si, falar sobre negros em prática como uma roda e só estar corpos brancos, já é uma violência, já é uma estatística. Novamente nos tornamos objetos de estudo dos brancos. Seria essa a realidade das culturas afro brasileiras e africanas no Brasil? O valor da cultura negra, da mulher negra, sem corpos negros? E essa exaltação e valorização, seria apenas por

estarem presentes nestas culturas o corpo branco? Qual é o valor da capoeira angola sem representatividades negras?

Ao chegar em espaços de cultura afro brasileira como no meu caso, é a capoeira angola e me deparar com uma roda apenas de mulheres brancas, dói. E não é pouco não. Isso não significa que é proibida a presença das mesmas, significa que o nosso corpo ainda é invisibilizado pelo racismo. A apropriação cultural se caracteriza por indivíduos de outra cultura conhecer e estudar manifestações outras colocando aspectos culturais distintos e com isso, autopromover-se e assim, modificar sua história. No caso das culturas negras a apropriação se dar pelo fato de valores, isso cabe um capital cultural, boa imagem (branca) e afetividade.

Como a capoeira poderá combater o racismo se ela perde suas características fundantes? Passando a ser uma prática decorativa, ou uma atividade esportiva para o bem-estar corporal e manutenção da saúde. E sendo assim a utilização da mesma na área da Educação Física com apenas esses valores agregados. Uma das primeiras descaracterizações da capoeira foi torna-la esporte por mestre Bimba que era praticante da angola.

A Capoeira de Bimba elimina ou reduz a ênfase nos efeitos cerimoniais, rituais e lúdicos da Capoeira Angola, e incorpora novos elementos de luta que, até aquele momento, eram-lhe estranhos: agarramentos, defesas contra estes e certos golpes novos. Não se sabe ao certo a origem desses novos movimentos. (FRIGERIO, 1989, p.9)

Quando a cultura negra deixa de ser um sistema complexo contra-colonial para ser um adereço cultural registrado como uma performance de espetáculo, ela deixa seu sentido real, para satisfazer o que o capital cultural exige, mas deixando bem esteticamente falando, aquilo que é melhor representado aos olhos do colonizador. Assim, como várias vertentes da cultura negra, que tiveram que se adaptar as exigências dos brancos para permanecerem ativas, citamos a religião afro-brasileira como o candomblé, que ainda é altamente perseguida e que teve também como inúmeras manifestações de origem negra um embranquecimento. Em melhores palavras isso se chama racismo.

Ser branco não exclui “ter sangue negro”, enquanto o elemento indígena ainda simboliza os primórdios do Brasil ou aparece como fator de complexidade na herança genética brasileira - sabendo-se pouco sobre a cultural _ de brancos e também de negros. A branquitude não e genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual e um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação. Como pensar o fato de que os brancos e os mestiços mais brancos estão em evidência desproporcional

nos meios de comunicação, mas que esse fato não parece criar constrangimentos? Como pensar, pois, a hegemonia do branco como ideal estético? (SOVIK, 2009, P.36)

A partir do momento que minha convivência é dentro de um grupo de capoeira angola, aonde em sua maioria é branca, de maneira nenhuma me tornei branca por estar com essas pessoas, a capoeira em si, me tornou mais enegrecida, isso é um fato. A partir dela as minhas mazelas de vergonha em certos aspectos fenotípicos, que desde de crianças sofremos e eu tenho uma consciência maior hoje de que, mesmo com esse racismo sofrido na minha infância/adolescência, vejo que sou “privilegiada”, não por ser uma negra com tom mais claro, mas por sofrer um racismo diferenciado, nem maior, nem menor. E através da capoeira desde lá da regional até hoje, cada vez mais me sinto fortalecida para a luta antirracista.



Fonte: <https://web.facebook.com/redecolmeiademulheres/>

A apropriação cultural em poucas palavras significa: Ser protagonista em manifestações de cultura outras muita das vezes sem responsabilidade dos valores a elas atribuídas, obtendo um lucro seja ele econômico ou não. Para pessoas brancas realizarem uma roda de capoeira na zona sul é muito mais bem vista do que vários negros e negras realizando a mesma atividade. Se isso não é racismo, eu sinceramente não acredito no argumento: “pelo menos estamos valorizando a cultura afro brasileira”, ou “se não fossemos nós brancos darmos continuidade, a cultura já estaria perdida”. Só gostaria de perguntar: Mas e se não fosse o branco?

Podemos refletir sobre uma das maiores manifestações culturais do Brasil: O carnaval. Aonde o recorte racial é claramente exposto: Brancos se divertem, negros trabalham. Escolas de samba cada vez mais luxuosas com acesso para pessoas com poder aquisitivo elevado, tornou-se a festa para fins capitalistas, enquanto a negritude fruto da tradição é a cada dia mais excluída de sua cultura.

Como ressalta Sovik,

O carnaval carioca também gera discussão, pois a escola de samba tem componentes das comunidades, da periferia em sua maioria negra, mas os maiores destaques de carros alegóricos e as rainhas da bateria, convidadas a participar no evento em que mais se ouve pronunciar a palavra “beleza”, muitas vezes são louras como Deborah Secco e Adriane Galisteu. (SOVIK, 2009, pg 37)

É muito triste não se sentir representada, não estou querendo dizer que brancos não podem isso ou aquilo dentro da diáspora negra, o problema não é esse. O grande problema é a falta de corpos negros, é a escassez de um povo em suas culturas, e digo mais, é a falta de conhecimento de querer ou não realizar essas atividades. Pois assim como a negritude que teve seu psicológico afetado negativamente, sempre no achismo da inferioridade, a branquitude psicologicamente não pode viver sem que a mesma seja o centro das atenções, a superioridade branca sim, é uma doença.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (MUNANGA, 2005, p. 16)

Capoeira Angola como ferramenta antirracista, seria uma forma de usar a cultura afro brasileira para uma luta contra as opressões e preconceitos existentes em nossa sociedade, visto que a capoeira obteve inúmeras classificações para a educação, sendo ela considerada arte, esporte, luta, dança, folclore, etc. Porém há uma incoerência quando dizemos que a capoeira pode ser uma “arma” contra o racismo, se a mesma para ser aceita pelas camadas dominantes teve que perder várias de suas características para se tornar o tal esporte brasileiro.

Em muitos grupos de capoeira angola percebi o racismo. Como em sua maioria é da cor branca, muitos deixavam escapar seu racismo sutil, e fiz o seguinte questionamento: será que a capoeira angola apenas por ser de raiz afro brasileira conseguirá ser uma prática efetiva contra o racismo? O que nós negros e negras podemos fazer para agregar a branquitude que se diz juntos na luta, mas ao mesmo tempo argumenta e pratica o racismo sem perceber e muito menos reconhecendo e respeitando a fala de negros e negras nesses espaços?

O que tenho percebido em alguns anos de capoeira e das relações que se formam nesses espaços, é que há uma grande dificuldade de escuta. Mas antes disso um medo de falar sobre determinados assuntos. E a questão raça, é uma delas. Se a capoeira angola como muitos praticantes da atualidade diz ser uma prática de formação, de educação, o tema racismo se encontra distanciado nesses espaços, ou menos importante em eventos. Na atual conjuntura capoeirística vejo que devagar estamos caminhando para mais e mais debates sobre o tema. O que é um avanço. Quando citei acima, a questão de uma roda de capoeira ser

bem vista na zona sul, (não apenas na zona sul do rio de janeiro, mas na sociedade como um todo) por sua grande maioria ser representada por corpos brancos, me veio a mente toda a história do embranquecimento da população brasileira, um dos maiores atos de racismo imposto na nossa sociedade.

A república Brasileira nasce tendo por alicerce a teoria do conde de Gobineau. Enquanto a imigração europeia era financiada com recursos públicos os negros, ficavam à própria sorte, enquanto os brancos chegavam e tinham acesso a emprego, salário e terras, os negros que até então vinham construindo toda a riqueza existente no país, eram obrigados a morar em morros, encostas e terrenos alagadiços, sem nenhuma proteção estatal, pelo menos parecida com a que era dada àqueles que chegavam da Europa. (PAULA ,2009, p.38)

Uma prática racista que nos primórdios da construção da sociedade capitalista aqui no Brasil, se encontra por exemplo na diferença de quem consegue um emprego dando aula de capoeira angola nos bairros nobres do rio, falo aqui da regra e não da exceção, e quem continua, mesmo com toda a vivência no mundo da capoeira a fazer serviços de subalternização como segurança em estabelecimentos variados continuam a ser corpos negros. Quem é branco utilizando da cultura negra sobrevive em escolas particulares, dando aulas para crianças brancas, elitizadas enquanto o negro protagonista de sua cultura, ou pelo menos deveria ser, é rejeitado nessas escolas.

Acabo de enfatizar um exemplo clássico do que seria a apropriação cultural no mundo da capoeira angola. Mas será que esses professores, dão aulas para esses alunos de capoeira angola, e não levam em consideração a história da cultura afro brasileira? A questão de raça é importante nesses espaços? Será apenas ensino da mecânica do movimento? Representação de movimentos de capoeira? Será isso capoeira angola do século XXI? O que se deve cobrar dessas pessoas brancas ao utilizar de outras culturas é responsabilidade racial. Mas sabendo que as mesmas também possuem a dificuldade em mexer nesse tema, pois racismo foi utilização de controle do povo negro, e que hoje é resinificada em outras questões como a cultura, ou seja o está na modificação do poder. Será que esses professores realmente estão interessados em libertar suas mentes e as dessas crianças?

Exponho aqui a existência do racismo existente dentro dos grupos de capoeira angola, e como praticante dessa arte/luta, tenho obrigação de dia após dia lutar contra estas

manifestações de violência, não falo de racismo porque gosto, falo de racismo porque é necessário, porque são corpos negros que morrem são estigmatizados e estereotipados. O sonho que King nos deixou como impulso para continuarmos na minha concepção, é de nos tornarmos iguais, como seres humanos diferentes da humanidade branca. Gostaria de ser apenas mais uma mulher na sociedade em busca de uma vida plena e feliz, sem estereótipos. Deve ser assim que brancos e brancas se sentem na sociedade que foi construída e organizada para eles.

O primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados. A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação. Em certa medida, qualquer um de nós tem limites morais, podendo excluir moralmente os demais em alguma esfera de nossas vidas. (BENTO, 2002, p.29)

Mestre Pastinha em uma entrevista, para Roberto Freire contava como era a capoeira angola em seu tempo. Muito diferente e digo até oculta do que vem se transformando, adquirindo certas manifestações que nada tem de origem da mesma.

Mas o que serve para a defesa também serve para o ataque. A Capoeira é tão agressiva quanto perigosa. Quem não sabe lutar é sempre apanhado desprevenido. Malandros e gente infeliz descobriram nesses golpes um jeito de assaltar os outros., vingar-se de inimigos e enfrentar a polícia. Foi um tempo triste da capoeira. Eu conheci, eu vi. Nas bandas das docas...Luta violenta, ninguém a pode conter. (FREIRE, 1967, apud 2011.)

Como podemos perceber na frase de mestre pastinha, a capoeira era utilizada como arma de defesa e ataque, zelando pelo seu corpo, um corpo negro. Um corpo que não deixa de ser perseguido pela polícia até os dias atuais. A realidade da capoeira na época de pastinha era outra. Capoeira era arma do povo negro, um corpo utilizado para se defender contra o racismo. Essa é a história da capoeira, negros perseguidos por seus senhores brancos e brancos hoje a utilizam como forma de capital e a folclorizam²⁴ para que a mesma seja aceita em sociedade. Não dando a devida importância aos debates raciais o qual a mesma foi criada.

²⁴ Relativo ao folclore

Um dos modos de esvaziar a capoeira de seu conteúdo político é embranquecê-la. O que é prejudicial para negros e não-negros porque a transforma numa prática fragilizada que perde seu sentido contra colonial. Mas o que seria contra colonial? Segundo Santos, o termo colonização “significa todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação, a até substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra”. (p.48, 2015).

Já a contra colonização segundo o autor seria “todas as formas de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados neste território”. (p.48, 2015) seguindo a este pensamento vamos refletir sobre o branco no Brasil e sua visão enquanto existência no mundo. O que foi negado ao negro no Brasil, foi a dignidade de existir para além do ser branco. Se sou hoje negra, foi porque aos olhos do colonizador o branco existe em seu sublime estado de poder e ser.

Enquanto outros povos, sejam eles latinos, árabes, asiáticos, indígenas e negros obtêm o estigma de inferioridade, e para que essas culturas sejam vistas de forma a positivar o ser, seria embranquecendo. Transformando um Jean Claude Van Damme, por exemplo, em um dos maiores lutadores de caratê no cinema, faltado aquela representatividade e ganhando na luta em seus filmes de todos os asiáticos, no mínimo faz pensar o quanto a branquitude, é narcisa. Não se pode ser diferente, mas explorar o diferente sim. O futebol, o samba, o funk a cultura marginalizada só é ruim dentro das favelas, porque positiva e empondera o povo preto, mas só é aplaudida na zona sul pois é praticada por “gente de bem e olho azul”.

O racismo brasileiro se baseia na falsa democracia racial, o que definimos como a farsa de que os negros e os brancos vivem em harmonia, assim como a falácia que eram submissos aos maus tratos, o medo do branco sempre foi a revolta do negro. Por isso a domesticação, e o interesse pela abolição. Os abolicionistas da época não “lutavam” pela liberdade dos escravos por serem bonzinhos e querer a paz mundial, os interesses pela legitimidade do seu poder era a grande preocupação da época, estendida até os dias atuais. “Os abolicionistas pretendiam uma abolição sem a participação do povo negro para que pudessem estabelecer, a seu bel-prazer, o seu lugar na república que se formava”. (Santos, p.125, 2002)

A maior preocupação do Brasil era a nova formação política e econômica que se instalaria na nova república, e para isso era preciso eliminar a vergonha de toda a exploração, que foi a escravidão. Mas a eliminação dessa “vergonha” seria novamente a invisibilidade do povo negro.

A preocupação com a nova ordem, a república, que vem substituir o Império decadente, colocava uma nova questão: que tipo de cidadão queremos para formar esta nação agora livre. Obviamente não os escravos, pois a abolição já havia se efetuado, mas e os negros? Quais seriam as contribuições dos cidadãos negros à república? O recurso a imigração evidencia o papel destinado a nova ordem. (SANTOS, p.129, 2002)

Entendendo a realidade histórica do Brasil, é revoltante o quanto fomos e ainda somos enganados por todo o sistema, e principalmente a educação. Educação é sinônimo de poder, e manter a população sob controle, é projeto desde dos tempos quinhentista. Para dominar, explorar, e jamais perder os privilégios, mantendo e ressignificando a opressão. Uma das formas dessa manutenção é a falta de representatividade na história do país. Não deve ser nada bom, olhar os livros, a televisão, o teatro, o cinema, e todas as formas de arte sendo sempre lembrando pela época brutal que foi a exploração da mão de obra escravista.

O psicológico do povo negro ainda é marcado por muito preconceito e não aceitação de si mesmo. E modificar essa visão também é dívida da sociedade, seja individual ou estrutural. Depois e tanto lutar para ser reconhecido no mínimo como pessoa, e não como um animal, o negro nos dias atuais tem que se deparar com sua manifestação de resistência sendo reconhecida apenas por corpos brancos padronizando e utilizando-a da mesma para fins lucrativos O que é de preto, só tem valor na mão de branco?

A visão de capoeira vendida para pessoas em um curso, chega a um questionamento, como por exemplo: quem pode comprar cultura? E que tipo de cultura está sendo vendida? E a perda de fundamentos é tática para a exploração do produto capoeira? A seguir deixo o link para as próprias reflexões de capoeiras e não capoeiras. Quem lucra com essa venda? A mesma lógica da exportação capitalista, eu vendo o que você já possui, só que mais caro. E me questiono, o que é capoeira?

https://www.youtube.com/watch?v=BZ4G6_vxVbg&t=11s

Cultura preta não é folclore, é resistência, é consciência e conhecimento da onde viemos e para onde vamos. A capoeira já é política por si só, caso a branquitude como já está a acontecer no mundo das culturas populares serem de fato a maioria e tendo em seu poder as regências, vejo como prejudicial para negros e não-negros porque a transforma numa prática fragilizada perdendo assim, seu sentido contra-colonial.²⁵Tudo que é referido a cultura preta,

²⁵ Segundo Antônio Bispo dos Santos Povos que vieram da África e Originário das Américas vindo nas mesmas condições, isto é, independentemente das suas especificidades e particularidades no processo de escravização, os chamaremos de contra colonizadores.

sempre foi negado, e nos dias atuais ainda o é, caso não tenhamos o verdadeiro cuidado de manter a cultura preta viva. E isso depende dos negros para negros, no nós por nós.

CAPÍTULO III

INFÂNCIA, RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS E CAPOEIRA ANGOLA

"(...) mas a minha educação não foi a escola quem me deu. Quem me deu foi a Capoeira, Hoje eu agradeço Deus." (Domínio Público)

3.1 CAPOEIRA ANGOLA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA CRIANÇAS

Gostaria de ressaltar algo muito importante em minha vivência como capoeirista: A partir de sua prática me positivei como mulher negra, das movimentações e vivências, busquei minha identidade através das perguntas feitas dentro da minha casa. Meus pais, tios, primos e assim poder entender minha origem. A capoeira trouxe a curiosidade de saber quem eu sou e com ela, poder ter orgulho da minha origem. Para quem é negro periférico se afirmar positivamente é um ato revolucionário. Crescer em meio a tanta negatividade e conseguir encontrar meios aonde ser bom enquanto negra, não é uma tarefa fácil. Quando todos te dizem não, poder afirmar um sim é transcendental.

Ela foi condutora da minha paixão pela cultura e povos oriundos da negritude e, por causa dela estou aqui realizando um trabalho acadêmico na instituição que assim, como todas são de formação eurocentrada ou seja, genuinamente branca; uma cor, uma luta, um movimento que me inspira a ir sempre contra o racismo o qual somos todos os dias condicionados, e dentro da capoeira angola renasce todos os dias a esperança de que é possível ser afetado por afetos. A cultura africana e afro brasileira preza o afeto, a igualdade, o respeito, o amor, e acima de tudo o respeito as diferenças.

A construção da nossa educação seja da infantil, à universitária sempre foi de origem colonizadora, ou seja, europeia. E foi preciso com muita luta dos movimentos negros e sociais, que a lei hoje em vigor 10.639/03 pudesse ser um meio de transformação em um país aonde sua maioria são de origem africana e afro brasileira. E ainda questiono o porquê de se ter uma lei que falasse da cultura afro brasileira e africana nas escolas.

Segundo Licchesi (2011 p.2) “Registra-se que, embora a França de Napoleão estivesse em guerra com a nação portuguesa que colonizou o Brasil, este implantou o modelo francês de ensino superior criado no período napoleônico. ” Por isso, a descolonização se faz necessária e hoje as leis 10.639/03 e 11.645/08 que inclui também a educação indígena não conseguem de fato serem inseridas na educação e formação brasileira. E porque tal dificuldade? Para responder a essas questões é preciso uma nova formação do corpo docente e uma estrutura eficaz na luta contra o racismo em todos os aspectos das escolas públicas e privadas, levar a cultura afro brasileira e africana como a capoeira Angola em todas as instituições de ensino do país é tarefa ainda muito longa a conseguir. Porém assim como o ensinamento do mestre Bigo um senhor de 70 anos, ex aluno do mestre Pastinha, em um evento da capoeira em um dos seus treinos disse: “Pra chegar em Angola demora. ” Assim como inserir a história da população negra na nossa sociedade, culturalmente branca, demora. Isso se chama reparação de uma estrutura, racista, e desigual que a anos tentamos romper com um único estereótipo, visto como a doença da superioridade pois a chamo doença porque mata negros e não brancos a séculos: O ser branco.

Vale ponderar que esta lei vem contribuindo não para uma pequena realidade, mas para a totalidade da realidade escolar brasileira. Assim, vislumbra uma resignificação da prática educativa, abrindo caminho para se pensar formas diferenciadas entre a escola e o contexto histórico-cultural em que está inserida, introduzindo no debate educativo, via currículo, a questão racial. (ASSIS 2007 p.50)

Ao mesmo tempo que sabemos da importância de um novo currículo na nossa educação, o processo para a mudança é lento, e claro que com este trabalho não será possível obter as respostas para todas as questões. Porém que seja uma possibilidade na prática que a cultura afro-brasileira e africana seja uma realidade para o autoconhecimento das crianças que em processo de formação da identidade se veem ainda com inferioridade, pois é preciso referência, seja qual for a manifestação cultural negra. Não tenho a pretensão de que todas as crianças do Brasil façam capoeira Angola (adoraria.) mas que possam ter acesso a este tipo de conhecimento e assim poder escolher entre qualquer atividade física sem limitações, que acreditem que possam ser o que quiserem a partir do momento que possam ter a oportunidade de conhecer a formação da real educação brasileira o qual foram sempre privadas, e bombardeadas por uma cultura de competição, superioridade, racismo e exclusão.

Isso vale também para a formação dos novos e antigos docentes que terão que buscar e ter apoio governamental (ou pelo menos deveriam) para construir uma nova forma de

educação, e que a verdadeira história do seu povo seja contada nas escolas e universidades, e sim buscando novas formas pedagógicas, e é através do corpo que tentarei renovar a educação brasileira. Visando a infância e sua educação, e principalmente neste trabalho, uma educação a partir da capoeira angola, e a convivência com crianças capoeiristas, pergunto se é possível uma educação outra? Aquela que vai além dos currículos das escolas tradicionais. Em outras perspectivas, tratar a criança como um ser de opinião, que possuem vontades e desejos próprios, não diminuindo suas potencialidades. Segundo Arenhart (2016), “A definição da criança em relação ao adulto é de incompletude, designando-a como um ser irracional, imatura, incompetente, etc. A palavra infância significa aquele que não fala”

Aquele que não fala, pode expressar-se a partir do corpo, e é assim que a capoeira angola educa. Movimento, musicalidade, expressões diversas e vivências como todas as pessoas, de todas as idades; dos bebês aos mais velhos. Em eventos dentro e fora do Rio de Janeiro tenho observado a dinâmica dessas crianças nos espaços destinados as atividades de capoeira.

O brincar de capoeira é uma das atividades dessas crianças, treinos, rodas e jogo fazem parte de uma diversão para elas. Logo, após certas atividades elas brincam de outras coisas, seja subir em árvores, correr, voltando a dinâmica da brincadeira de angola. Através do toque do berimbau, e suas canções as crianças podem aprender uma cultura outra e as crianças negras um reconhecimento positivo de sua infância, que ao contrário das crianças brancas sofrem racismo dentro das nossas escolas tradicionais. Reforçando aqui, nossas crianças negras além de serem tratadas a partir do cunho de inferioridade por serem crianças, sofrem duas vezes mais quando o assunto é a cor da sua pele, seus traços, seus cabelos, sua raiz.

A cultura negra é silenciada na escola, um silêncio que corresponde à inexistência e não simplesmente ao ato de calar-se, omitir ou abafar, mas como uma maneira de não ver, de relegar, um ‘pacto’ que não deve ser quebrado, pois se não teríamos que refazer o currículo, a escola. Diante disso, a escola reproduz em um discurso baseado na igualdade de todos os seus alunos. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; RODRIGUES 2010, P.85)

Esta afirmação nos remete a um clássico do racismo em nossas escolas que apesar de ser estabelecida uma lei que nos acolhe, o racismo está enraizado em nossa educação. A mudança na atitude de educadores é fundamental para um progresso nas relações e na aceitação das diferenças. O fator igualdade nos limita a pensar e a agir conscientemente de que o Brasil é fruto de uma miscigenação de cunho racista e não natural.

Por falta de estudos nessas áreas onde igualdade significa sermos iguais não apenas nos estereótipos, mas nas classes sociais, educação, etc. Isso faz com que haja sempre preconceito e ódio a tudo aquilo que não é de modo geral padrão, como homossexualismo, etnias não brancas, como asiática, negros, latinos e, tudo que não é da cultura eurocêntrica e estadunidense, é visto como imoral e de pouco valor.

As instituições ao invés de trabalhar e valorizar as manifestações de cultura negra, muitas das vezes reforçam o estereótipo da negatividade, como nos diz Abramowicz; Oliveira; Rodrigues, (2010 p.86) “ O preconceito e a discriminação, ainda que de forma escamoteada, são muito presentes na escola e essa instituição, apesar de utilizar o discurso de igualdade, não respeita as diferenças e, diante disso, as crianças negras, para obter sucesso na escola precisam “*branquear-se*”.

Quando formei em licenciatura em Educação Física, as possibilidades de trabalhar com o corpo em uma outra perspectiva na área, sempre foi negado, pois educadora física sempre é para determinados padrões, que buscam o corpo para a finalidade como atlética, estética, e no mercado de trabalho são essas modalidades que são mais procuradas. A questão escolar ainda é valorizada também apenas o esporte e seus fundamentos atléticos. Nosso

corpo vai muito além de reproduzir movimentos. Nas disciplinas o qual cursei, a cultura que estudávamos eram as biomecânicas, o que não digo que são menos importantes, mas eram as matérias, como fisiologia, musculação que mais se destacavam no curso.

Se formos resgatar a história da Educação Física, o qual seu conteúdo era extremamente de cunho militarista, e seus ensinamentos oriundos da escola francesa, podemos ter uma visão totalmente contra ao ensino escolar desta disciplina. Porém a mesma sofreu inúmeras modificações e uma delas foi seu projeto político pedagógico e atribuída como disciplina escolar. Lembrando que a Educação Física Escolar é uma atividade genuinamente recente, portanto, sua aplicabilidade, ainda requer estudos de como transformar ludicamente a vida de crianças e jovens no Brasil.

Especialmente na década de 80, iniciou-se no Brasil em um período de crítica e talvez seja melhor dizer de denúncia, sobre a hegemonia e o modo de esporte praticado nas escolas pela Educação Física. Uma das críticas era fundamentada em modelos teóricos marxistas, que viam no fomento do esporte uma sequência até mais rigorosa, do processo de alienação e reificação do homem que já acontecia na sociedade, especialmente com a

classe trabalhadora, uma relação com o poder econômico de uma elite. (KUNZ, p.16, 2004)

Como podemos observar a Educação Física não foge aos moldes elitizados de manutenção dos privilégios em nossa sociedade, e uma delas é claro, a Educação. Capoeira para ser ingressada em atividade educativa como dito anteriormente foi preciso uma transformação em seus ensinamentos, e uma delas foi a esportivização.

Descaracterizando alguns fundamentos que para a cultura afro brasileira como forma de identidade e história, é de fundamental importância sendo invisibilizada no nosso sistema educacional. Em minha época de graduação na UFRRJ, a capoeira era disciplina optativa, sendo de escolha não obrigatória, mas não havia capital e nem abertura de concurso para tal atividade, sendo o único professor nas dependências da universidade voluntário, e suas aulas uma das mais cheias de estudantes de Educação Física. Curioso não?

Em meio a tantas dificuldades de uma educação através do corpo, e por ele, todas as outras formas de conhecimento possa vir à tona, e uma delas é a cultura afro brasileira e africana contada através da capoeira angola. Sua riqueza enquanto arte pode ser uma ferramenta de agregar a diferença entre as pessoas, e utilizar um corpo negro para legitimar sua força, coragem e luta para resistir a um sistema que a séculos oprime, mata, violenta e rouba a história dos negros no Brasil.

Segundo Daólio, “O homem por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração. (a palavra é significativa). Diz-se corretamente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos. ” (p.37, 2005). Ou seja, a partir do corpo podemos atribuir valores antes não pensados, como a cultura, e a agir pensando o porquê determinado movimento no exemplo da capoeira, eu preciso ter cautela, se não posso me machucar e machucar meu companheiro de jogo/luta. E pensar também que eu sou capaz de machucar para me defender.

“Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo. ” (LÍBANO, p.37, 2005). É com este pensamento que busco juntamente com a Educação Física uma educação não eurocentrada, mas sim buscando valores outros e mais do que isso, nos identificarmos com a nossa cultura corporal. Podendo assim ter orgulho de todo esse conhecimento, um conhecimento aonde a diferença seja vista também como bela e tão útil quanto qualquer outra. E buscando esta proposta de

educação corporal através da capoeira angola, é que acredito ser apenas uma manifestação da cultura popular negra a ser estudada nas escola e universidades deste país.

Por que trabalhar a capoeira na infância? Muito das minhas inquietações é como podemos fortalecer nossas crianças negras neste sistema tão racista? As crianças nesta fase, estão sujeitas a sofrer violências que vão gerar problemas como auto estima baixa, e traumas psicológicos. A educação escolar que tem por objetivo construir cidadãos pensante, questionadores, uma escola deve servir para propor. Muitas das vezes sofremos racismo e nem percebemos que certas atitudes foram racistas. Nosso corpo docente, ainda não está cem por cento preparados para lidar com atitudes racista em suas instituições, descolonizar um pensamento racista, é trabalho diário de todos nós. Nossas crianças futuras precisam de uma qualidade e de representatividade dentro desses espaços.

O reconhecimento da desigualdade instaurada no Brasil, deve ser tratada nas escolas com naturalidade, pois sabemos que isso é muito difícil, pois acarreta em expor atitudes preconceituosas dentro da sala de aula, e logo um agressor e um agredido que ambos, principalmente o agredido são vítimas do sistema. A dor de uma pessoa que sofre racismo, desde criança, é cruel, mas o fortalecimento de mostrar a este indivíduo o seu valor é possível.

“Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.” (Brasília,2004, p.5)

A capoeira com seu teor lúdico, em suas atividades circulares, musicalidades e aprendizagem de instrumentos musicais como cantar um corrido, uma ladainha, são formas de quebrar a timidez e de levar um aprendizado da história da capoeira e, a partir delas, outras histórias irão surgindo para a dinâmica em roda: a famosa brincadeira de angola. A prática em roda, já é algo descolonizador, onde se possam mexer seus corpos, para além de uma educação no formato tradicional e enrijecido.

Nossas crianças negras sofrem com o racismo, em todas as fases da sua infância, e as crianças brancas já sabem praticar o racismo. Há uma doença em ambas as partes. Primeiro a criança negra aprende a naturalizar sua inferioridade, enquanto a criança branca aprende a ser superior em relação a criança negra. Como professores nossa formação também foi

prejudicada e a questão racial também foi negada em toda nossa trajetória. Por isso a dificuldade de trabalhar estas questões em quaisquer que sejam as instituições.

Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalha e não temos dúvida que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essas transformações fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção de democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (MUNANGA, p.17. 2005)

3.2 CRIANÇAS FALANDO DE CAPOEIRA E RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS

“Faço Capoeira Angola desde que nasci”

(Igor 10 anos)

A importância de uma lei que conta a história da África e a história dos afro brasileiros nas escolas é de tamanha necessidade para com nossas crianças, que desde a infância sofrem com o racismo. Estimular a auto estima dessas crianças é ter a esperança de um futuro adulto consciente de sua existência no mundo, positivando seu valor. Vejo a conquista dessa lei, como uma das muitas que virão. Não é só a parte histórica contada para os adolescentes, e adultos de uma forma tradicional, como sentar-se em fileiras, mas uma manifestação outra de se contar. Uma nova perspectiva de ensino, e aprendizagem e a capoeira é uma delas.

Igor é filho de capoeiristas, nasceu e é criado nos meios das rodas de capoeira, a maior diversão para ele é a brincadeira de angola. Quando perguntei desde quando você faz capoeira ele responde imediatamente: ” Desde que nasci” durante a entrevista percebi que ele e os irmãos brincam de capoeira o dia inteiro. Seja tocando berimbau, realizando movimentos ou cantando.

A educação através da capoeira angola, faz com que se tenha desde pequeno, uma nova visão do que é a cultura negra, para o ser negro. Uma consciência racial, que positiva sua arte. Afinal para um negro a arte africana, afro brasileira foi silenciada, e mesmo hoje com todos os esforços para que a mesma tenha seu espaço, tentam silenciar-la, mas como não

conseguem, modificam e a tornam mercado. Para uma criança crescer em um ambiente aonde sua história contada através da capoeira que é o caso do Igor, é tornar-se mais negro dia após dia, é afirmar a sua raiz.



Janete e seu filho Igor. Foto Maria Buzanosvisky.

Quando pergunto ao Igor se ele usa a capoeira na escola, ele responde que “usa para defender a cultura negra. ” O que Igor entende por defender a cultura negra na escola, já faz pensar que é preciso defender algo. Defender de quem? E por que? Usar uma manifestação negra para se defender, já está implícito a realidade de resistência em determinados espaços e saber para que usá-la. A capoeira como uma atividade em favor da infância, sua forma lúdica e todo seu contexto histórico um exercício diário capaz de contribuir para que as crianças vivenciem suas infâncias de um modo plural e antirracista.

E a partir dessas vivências não só o aluno negro, mas o branco enquanto sua condição na sociedade que é de aceitação, também reparar os danos que nessas crianças brancas se instala, como a superioridade e a anulação do que é diferente. Quando pergunto ao Igor se ele usa a capoeira quando está na escola ele responde: “Eu uso a capoeira para defender meus irmãos, das pessoas que querem bater neles. Chamam eles de ruim. E dizem que meu irmão tomou choque por causa do cabelo dele, e também chamam ele de mendigo”.

Ao relatar sobre essas questões, que dizem respeito do estereótipo negro, podemos perceber a raiz do racismo em nossas escolas, e como os professores podem lidar com essas questões, para uma melhor visão das diferentes culturas existentes. Mas será que nossos professores estão preparados ou se organizando para contar outra história, do negro brasileiro e africano? Em 15 anos da lei 10.639/03, muita coisa aconteceu, lentamente mas aconteceu. Não podemos negar por exemplo, essa dissertação de mestrado como um dos fatores influenciáveis com a conquista dessa lei. Cabe ao estado, arcar com as responsabilidades de uma educação para uma transformação social. Não apenas um serviço de alfabetização, e reprodução de conteúdo, mas que possamos educar seres pensantes, questionadores e reflexivos.

A referir-se ao currículo como o principal espaço de implicação da Lei n. 10.639/03 significa, então reconhecê-lo como um instrumento de construção de novos significados históricos e sociais do conhecimento, bem como da promoção de uma educação verdadeiramente multicultural, antirracista, em que diferentes possibilidades expressões de linguagens, organização, dimensão ética e política sejam garantidas e afirmadas. Sobre essa dimensão do currículo como construtor de novos significados. (ASSIS, 2007, p.49)

Quando pergunto se nas rodas de capoeira existem mais negros do que brancos para o Igor, ele responde que tem mais negros, aqui estou falando das rodas sejam elas nas ruas ou em espaços utilizados para a atividade capoeira. “Na roda de Caxias eu brinco de tocar, mas tocar atabaque com o mestre, eu levo a sério. Me reconheço como negro e tenho orgulho”. (Igor 10 anos). Ao relatar o orgulho de ser negro, Igor demonstra também uma reflexão: a necessidade de se ter orgulho, estamos nos referindo a questão raça, Segundo Santos citando Cohen

Em todos os tempos esta cor sempre esteve revestida de valores negativos nas línguas nas línguas indo-europeias é desta maneira que em sânscrito, o branco simboliza a classe dos bramares, a mais elevada da sociedade. Em grego, o negro sugere uma mácula tanto moral quanto física; ele trai, igualmente, os homens de intenção sinistra. Os romanos não somaram a este vocábulo nenhum significado novo: para eles o negro é signo de morte e de corrupção enquanto o branco representa a vida e a pureza. (SANTOS, p.44 2002 apud COHEN, p.39 1980)



Evento da Capoeira Angola em Lapinha B.H, 2017

Positivar uma cor, uma cultura, um fenótipo é mexer com um passado de muita negação e resistência para sobreviver a tanta opressão, e de várias maneiras ser negativado enquanto ser humano. A formação de uma criança negra em nossa sociedade é ainda muito precária no quesito da informação, conhecimento da sua história e também a afetividade. Temos uma responsabilidade tanto no psicológico do negro quanto do branco, mas a auto estima do negro, ainda é mais relevante se trabalhar desde pequeno, pois o branco não necessita de auto estima, e sim de consciência racial.

As crianças historicamente foram excluídas da história e suas e suas vidas sempre foram contadas pelos adultos: no entanto, conhecemos a história do nascimento de uma determinada infância branca apresentada pelo historiador Phillippe Ariès. A criança negra encontra-se em um mutismo maior em relação à criança branca que de alguma forma sempre foi retratada. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, RODRIGUES, p.82, 2010)

Infancializar é necessário, nossas crianças são vítimas de racismo e são rejeitadas desde o berçário, como lidar com essas demandas? Sei que não será de uma hora para outra, mas não há mais tolerância para aturar práticas racistas em nossas escolas e universidades. “Na escola eles quase não brincam com os pretos, só gostam de brincar com os brancos” (DAVI, 10 anos)

Como trabalhar da prática diária a luta antirracista se nossas escolas ainda reforçam estereótipos racista? Aonde deveria ser um ambiente de acolhimento, reflexões e troca de saberes exaltando sim, as diferenças, nos vemos presos a um padrão que com a ajuda da mídia, livros e conceitos eurocêntricos, são impostos e fortalecidos no nosso cotidiano. Temos muita coisa a mudar, no nosso pensar, comportamentos e estruturas que banquem em todos os sentidos uma nova forma de educação escolar.

Precisamos compartilhar uma visão de escola como ambiente que pode ser de felicidade, de satisfação, de diálogo, onde possamos de fato desejar estar. Um lugar de conflitos, sim, mas tratados como contradições, fluxos e refluxos. Lugar de movimento, aprendizagem, trocas, de vida, de axé (energia vital). Lugar potencializador da existência, de circulação de saberes, de constituição de conhecimentos.

(ROCHA; TRINDADE, 2006, p.55)

Maíra Lima de Oliveira, tem onze anos e também é filha de capoeirista, no início estava muito envergonhada, e nervosa, mesmo nos conhecendo a muito tempo, tive dificuldade de perguntas também. Maíra se considera negra, e para ela a importância da capoeira era a certeza de encontrar seus amigos. Quando pergunto qual importância da capoeira para a vida do seu pai, ela responde com entusiasmo: “*Nossa, é muito, é a vida dele*”.

Ao contrário do Igor e do Davi, quando pergunto à Maíra porque ela vai aos espaços de capoeira ela responde que vai apenas para encontrar e poder brincar com seus amigos. Na entrevista chegou a dizer que ia treinar porque seu pai a “obrigava”. Isso, significa que nem sempre ser negra e ou negro é ter que fazer ou gostar das manifestações de sua cultura. Assim como o negro é estereotipado por ser obrigado a fazer determinadas atividades pois “está no sangue.” O que queremos é ser livre de qualquer tipo de julgamento pela cor da pele. Pois, como disse Yuri Marçal: “Me ajuda com meus filhos, eles não param quietos, me ensina a escravizar? Já que, este papo de estar no sangue.” Brancos estão se incomodando por estarem sendo racializados e estereotipados. Imagina para quem nasce, cresce e morre sendo estereotipado o tempo todo pela cor da pele?

3.3 VOU ME EMBORA, VOU ME EMBORA, VOU ME EMBORA PRA ANGOLA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se seu Deus não pode falar com você em sua
língua, então ele não é seu Deus.*

Molefi Kete Asante

Ao finalizar uma roda de capoeira, há ladainhas específicas, todas referentes a um adeus.

A mais conhecida, o adeus, adeus boa viagem, significa que a roda está terminando. Após um longo ritual entre capoeiras em seu canto, toque, jogos, sorrisos, bandas, rasteiras e cabeçadas, o final da vadiação é um final de axé. Em anos de capoeira, percebo uma força vital, que vai além do ritual, mas que para mim significa voltar a ancestralidade. As raízes, que devem ser lembradas sempre. Por que você faz capoeira? Ou melhor, por que você não faz capoeira?

Ao finalizar esta dissertação, que foi uma experiência incrível, aonde me proporcionou inúmeros questionamentos e mais dúvidas perante a construção social da nossa educação, da nossa humanidade e identidade. Percebo e tenho a humildade de que o caminho ao conhecimento dos meus ancestrais ainda é longo, mas o que foi deixado com tanta luta, não se pode perder-se e nem os modificar em prol da mesma estrutura violenta, que em nome da paz e da humanidade, estupra, rouba, mata, destrói outras culturas, outras formas de sentir, de amar e de viver no mundo.

Contar a verdadeira história do “descobrimento do Brasil” nas escolas públicas e privadas, é uma luta diária contra o sistema capitalista, pois a nova forma de dominação do povo, ainda é muito eficaz. Sendo a mídia brasileira uma importante aliada para tamanha alienação. Quando exaltamos a capoeira, ou qualquer outra manifestação preta, não estamos exaltando apenas um espetáculo de corpos, e seus respectivos movimentos acrobáticos e flexíveis, estamos diante de uma realidade atual, onde o racismo ainda se mantém como manutenção do capitalismo, a capoeira por séculos foi proibida e com ela, os corpos massacrados e torturados eram os corpos pretos.

O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afropindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo euro monoteísta. No plano individual, as pessoas afro pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas de inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como incapazes, esteticamente tidas como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. (SANTOS, 2015, p.38)

São sob essas justificativas que venho estudando e vivenciando, que as bases de valores da cultura preta tão menosprezada pelos colonizadores, de nada tem de negativo. E tenho um desejo que essas mesmas bases sejam valorizadas, entre nós negros. E que essa valorização não seja fruto de um egoísmo herdado da cultura eurocêntrica. Que ela possa dar lugar ao encontro da nossa verdadeira história e com ela possamos caminhar com nossas próprias pernas.

A violência que o povo negro sofreu nesta terra chamada Brasil, jamais deverá ser esquecida, nem por nós negros e nem pelos brancos, sejam eles praticantes ou não das culturas pretas. Toda nossa subjetividade, afetividade, foi construída através das punições do branco europeu. E essas mazelas devem ser reparadas, com apoio a educação, saúde, conhecimento sobre nossas origens, a devolução da nossa dignidade. Tudo neste país desmerece o negro, o indígena, que ainda luta por um pedaço de terra que é por direito seu lar, aos nordestinos, que sempre foram esquecidos e sempre os últimos estados a terem apoio dos ditos governantes do país. Ou seja, a todos os não brancos, que sabem que a luta continua.

É necessário fazer a roda do mundo girar, o que a capoeira me ensinou, é que se no jogo, você perde hoje, amanhã você pode ganhar. Mas que jamais deixe de treinar, de acreditar. A volta que mundo deu, é a volta que mundo dá. Nosso povo um dia terá o seu mundo, sua essência, como um jogo de capoeira angola, na mandinga e sim na vadiagem, abominada pela cultura branca, e que é na vadiagem de angola, que eu vejo um mundo mais justo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F.; RODRIGUES, T. *A Criança Negra, Um Criança e Negra*. GOMES, L. G.; ABRAMOWICZ, A. (Org.). *Educação e Raça: Perspectivas Políticas, Pedagógicas e Estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 128 p.

ALMEIDA, L. *Identidades na Roda: diálogos com a Capoeira Angola e com as narrativas de suas/seus praticante*. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Humanidades Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ARAÚJO, R. *Iê viva meu mestre: A Capoeira Angola da ' escola Pastiniana' como práxis educativa*, 2004. 272f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ASANTE, M. *Afrocentricidade*, Tradução de Ama Mizani e Ana Ferreira. *Afrocentricity International*, 1980. 193. p

ASSIS, M. *A questão Racial na Faculdade de Formação de Professores da UERJ: a visão dos docentes sobre a lei n.10639/03*. GONÇALVES, M. (Org.). *Educação, Arte e Literatura Africana de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. 300 p.

AZEVEDO, M.C. *Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário - século XIX*. São Paulo: Parma, 1987. 267 p.

BENTO, M. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*, In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Org.)* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

BRACHT, V. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Rio de Janeiro: Unijuí, 1999. 159 p.

BUZANOVSKY, M. Fotografia: <https://web.facebook.com/MariaBuzanovsky/>

CARDOSO, L. *O Branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 290f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em ciências sociais Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, São Paulo, 2014.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1994. 84 p.

DAÓLIO, J. *Da Cultura do Corpo*. São Paulo: Papyrus, 2010. 95 p.

CNE/CP, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, Brasília, 2004. 24 p.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Edufba, 2008. 194 p.

FERNANDES, O. L. *História da África e dos Africanos na Escola: Desafios políticos, epistemológicos e indenitários para a formação dos professores de História*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012. 320 p.

FREIRE, R. *É luta, é dança, é capoeira*. Entrevista encontrada em: <http://www.campodemandinga.com.br/2011/08/e-luta-danca-e-capoeira.html?m=1>

FRIGERIO, A. *Capoeira: de arte negra a esporte branco*. Revista brasileira de ciências sociais, Caxambú Minas Gerais, v.4, n.10, p.1-20, jun/1989.

GOMES, L. G.; ABRAMOWICZ, A. (Org.). *Educação e Raça: Perspectivas Políticas, Pedagógicas e Estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 128 p.

LÍBANO, C. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850*, 1998. 555f. Tese (Doutorado) -Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

MELO,A.; MARTINS,A.; SOUZA,C.;FALLEIROS,I.;NEVES,L. *Mudanças na educação básica no capitalismo neoliberal de terceira via no Brasil*. MARTINS,A.;NEVES,L. (Org.). Educação básica: Tragédia Anunciada? São Paulo: Xamã. 208 p.

MELLO, A. *Capoeirando a Educação*, 2015. Dissertação 144f. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.

MOSÉ, Viviane. *Café Filosófico* Vídeo encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=hRfZLQrAt5A>, 2013

MUNAGA, K. (2000). *Uma abordagem conceitual das questões de raça, racismo, identidade e etnia*. In A.A.P. BRANDÃO (Org.). Cadernos Panesb 5 (p. Niterói: EdUFF)

MUNANGA, K. (Org.). *Superando Racismo na Escola*. Brasília: Secad, 2005. 204 p.

NASCIMENTO, E. (Org.). *Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica e inovadora*, São Paulo: Selo Negro, 2009. 398 p.

ROCHA, R.; TRINDADE, A. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais*. SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2006. 261 p.

PAIVA, I. *A Capoeira e os Mestres*, 2007. Tese 166f. (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de pós graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes. Área de Concentração: Cultura e Representações.

PAULA, C. *Branquitude x Negritude: Considerações sobre práticas de inclusão em sala de aula*. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 25, n.99, p. 37-41, jul. /set. 2009.

PCN, *parâmetros curriculares nacionais*, 1997

SANTOS, B. A. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília, 2015. 150 p.

SANTOS, A. G. *A invenção do ser negro: Um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo/Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 173 p.

SCHUCMAN, L. *Entre o “Encardido”, o “Branco” e o “Branquíssimo”. Raça, Hierarquia e Poder na Construção da branquitude Paulista*. 160f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós

graduação em psicologia: área de concentração: Psicologia Social. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVIA, A. *A Desconstrução da Discriminação no Livro didático*. In: MUNANGA, K.(Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: SECAD, 2005. p. 21-37

SOVIK, L. *Aqui ninguém é Branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. 176 p.

THEODORO, H. *Buscando Caminho na Tradições*. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: SECAD, 2005. p. 83-97.

VASSALLO, S. “*A ancestralidade africana*” da capoeira e do Candomblé: a contribuição da capoeira ao imaginário da África no Brasil. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ PPCIS Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. GT 65: Experiências Religiosas na contemporaneidade: identidades, fronteiras e movimentos étnico-religiosos. Buenos Ares, out. 2009.